

[Obra Social dos Adolescentes](#)

[Assassínio Invulgar](#)

[O Quase Assalto ao Banco](#)

[Barba de Luxo](#)

[Brinquedos de Morte](#)

[Budismo Reduz Tensão](#)

[Chineses de Burma em Macau](#)

[Vestuário Tradicional Chinês](#)

[Concurso de Cabeleireiros](#)

[Cãopeão](#)

[Associação da Carne Fumada](#)

[Casamento por Computador](#)

[A Casa da Promessa](#)

[Curso de Costura](#)

[Escravidão em Macau](#)

[O Guardador de Espíritos](#)

[Onde Está a Minha Família?](#)

[Denunciar Contratadores Ilegais](#)

[Contratadores Ilegais Contra-Atacam](#)

[Ameaça de Norte](#)

[O Outro General de Macau](#)

[Futebol e Ópera Chinesa](#)

[A Vingança dos Consumidores](#)

[Leprosaria de Ka Ho](#)

[Dentes de Mamute](#)

[Medicina Tradicional Chinesa](#)

[Motares de Macau](#)

[Macau Campeão de Boxe Tailandês](#)

[Muçulmanos de Macau](#)

[Nova Igreja no Bairro Iao Hon](#)

[O Rei das Cobras](#)

[Sociedade Fotográfica de Macau](#)

[Remoção de Vala Comum de Vítimas de Tufão](#)

[Pierre Verdin](#)

OBRA SOCIAL DOS ADOLESCENTES

O Governo esqueceu os adolescentes

A Obra Social dos Adolescentes é um grupo de voluntários organizado e formado pela Caritas de Macau. O seu trabalho desenvolve-se junto dos jovens que preferem as ruas às casas das suas famílias.

São jovens e querem construir uma sociedade melhor, para isso fizeram um curso organizado pela Caritas de forma a poderem ajudar outros jovens como eles. É o presidente deste grupo de voluntários, Bryan Cheng, acompanhado por outros membros da associação, que nos falam do seu trabalho:

"Primeiro definimos uma zona de trabalho, isso é uma coisa que acontece quase naturalmente, ou porque passamos por lá, ou porque lemos no jornal, ou porque alguém nos informa que em certo local costumam juntar-se grupos de jovens que aí ficam toda a noite. Organizamos um grupo de voluntários e vamos falar com eles".

Margherita Lei, uma estudante de finanças da Universidade de Macau, explica: "É preciso muita coragem quando fazemos o primeiro contacto, para quebrar o gelo. Depois não é tão difícil para eles falarem sobre os seus problemas, mas também não é fácil, porém, a parte mais difícil já ficou para trás e, para os jovens, houve uma grande alteração, mesmo que não se tenham apercebido disso. Têm um novo grupo de amigos!"

Bryan, com 25 anos de idade, além de presidente desta associação, pertence também a uma outra organização com objectivos sociais e dependente do Rotary Club. Além desta faceta de militância social, trabalha na CEM e é actualmente vocalista da banda pop Focus, com quem ganhou o último concurso de bandas rock de Macau, vitória que foi uma repetição pois já havia ganho semelhante concurso quando desempenhava iguais funções na banda Defender, à frente da qual obteve um brilhante segundo lugar num concurso idêntico de Hong Kong. São muitos ofícios para um homem só.

Bryan ri-se, mas adianta que acha natural, "Todos têm alguma responsabilidade nesta situação. Os jovens sentem que não têm ninguém com quem falar, os pais não sabem como comunicar com eles, nas escolas, ao fazerem problemas, são rapidamente expulsos e pouco depois não têm nenhuma escola que os aceite. Se ninguém fizer nada, estão a um passo muito curto da criminalidade".

Pode-se dizer que, quase no mesmo circuito que este grupo de voluntários, estão os engajadores das seitas, procurando exactamente nos mesmos locais, mas com objectivos diametralmente opostos. Margherita comenta: "Nunca tivemos problemas, mas somos extremamente cuidadosos, se sentirmos que existe algum perigo não vamos fazer nada, voltamos para casa".

O trabalho de rotina, se assim se pode chamar, é "começar a convencer o jovem que aquele caminho só o levará a problemas, depois é tratar de arranjar uma escola que os aceite".

As principais razões que levam os jovens de Macau a vaguearem pelas ruas recusando regressar à casa da família é a incompreensão da parte desta. "Muitos destes jovens provêm de famílias emigradas da China, que são incapazes de compreenderem este tipo de problemas, ou então não têm tempo para acompanhar os seus filhos no processo de crescimento e, quando se dão conta, já existe uma enorme distância entre eles".

Outro dos problemas é o espancamento que os pais, cansados de tanta rebeldia, começam a empregar como sistema de "reeducação". Margherita explica que "nestes casos temos de falar também com a família, fazê-los compreender que essa não é solução, antes pelo contrário, gera problemas ainda maiores", Bryan dá um exemplo: "uma vez encontrámos um rapaz perto do casino flutuante que não queria ir para casa porque o pai o espancava. Ao fim de algumas tentativas conseguimos falar com o pai que nos revelou, friamente, que não gostava daquele filho, que, por ser tão rebelde, podia estragar os outros. Foi um caso extremo, não tínhamos capacidade para o resolver, pois não temos nenhuma instalação para abrigar os jovens, por isso tivemos que entregar o caso à Caritas".

Sobre ajudas governamentais, Bryan, sem ponta de dramatismo, explica que não há rigorosamente nada. "Para se obter alguma coisa do governo há sempre um montão de papéis e de tempo. É uma autêntica muralha de burocracia que nos impede de agir e muitas vezes não há tempo, nem é possível, dizer ao jovem para ir ficando mais uns meses na rua enquanto se espera uma resposta. Por outro lado, o IASM não tem qualquer programa destinado aos adolescentes. Tem para crianças, idosos, etc. mas não para os adolescentes. Porém, ao financiar a Caritas, está a financiar indirectamente o nosso programa, pois a Caritas, posteriormente, distribui os subsídios pelos seus diversos programas. Temos um apoio da Direcção dos Serviços de Educação, que nos deu uma pequena sala no Centro de Juventude da Areia Preta, onde nos reunimos e também fazemos sessões de aconselhamento", e continua, "o principal problema também não é dinheiro, mas sim pessoas. Não precisamos de mais dinheiro, o que precisamos é de mais recursos humanos, por enquanto somos apenas um grupo de doze

peçoas e, como já disse, somos todos voluntários, o que significa que todos temos as nossas obrigações, seja com os estudos, seja com o trabalho."

São jovens que estendem a mão a outros jovens numa cidade que para muitos nunca será a sua.

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Família chinesa mata marido de Macau

Enviado para Gongbei pela sua empresa, Leung Wan Kuan, casado e com dois filhos, mal sabia que a promoção lhe ia custar a vida. A família da sua esposa, liderada por esta, organiza e executa colectivamente a sua morte, tendo já sido presas onze pessoas mas, segundo as autoridades policiais de Zhuhai, ainda não são todas.

O crime propriamente dito está ainda sob segredo de justiça, tendo a polícia razões para ocultar vários pormenores sob a forma como foi perpetrado. Apesar de estarem já sob a custódia policial um total de onze pessoas, a polícia prevê a existência de ainda mais detenções. Porém, escusa-se a fornecer mais pormenores, principalmente a explicar o que levou tanta gente a cooperar com a esposa do falecido neste crime. Ou como a mãe da viúva veio a ajudá-la a restabelecer ligações amorosas com aquele que antes repudiara...

Certo é que este crime foi longamente planeado e executado por um grupo estranhamente alargado de pessoas. Sabe-se que o casal interessado neste homicídio, a mulher do assassinado e o seu amante, pretendiam esquartejar o corpo, ou queimá-lo, o que não vieram a fazer, pois, segundo as afirmações da polícia de Zhuhai "havia demasiadas pessoas que começaram a alvitrar diferentes hipóteses sen conseguirem chegar a nenhuma conclusão".

Optando por amarrar o cadáver e abandoná-lo num armário da casa, fugindo imediatamente para o Vietnam. Segundo as mesmas fontes, esta fuga terá sido de todos os participantes.

Foi apenas algum tempo depois, quando o cadáver começou a decompôr-se, que os vizinhos foram tomando consciência de que alguma coisa estaria a correr mal, sobretudo motivados pelo cheiro nauseabundo proveniente do interior da casa, resolveram chamar a polícia.

Desde que a polícia de Zhuhai tomou conhecimento do crime, em Julho deste ano, que considerou este assassinio como brutal. Desconfiando igualmente de que as suas motivações estariam no campo passional, iniciaram contactos com outras polícias da China para conseguirem capturar os culpados.

Os esforços policiais viriam a coroar-se de êxito esta semana ao capturarem onze das

peças implicadas no crime, incluindo a sogra, a esposa e respectivo amante.

As peripécias da história, que se começam agora a conhecer, apontam para a viúva assassina, Chan Huei Chin, como uma mulher de invulgares características. Senão vejamos:

Chan Huei Chin conhece aquele que viria a ser o seu amante, Hon Wai, quando encontra o primeiro emprego, numa tipografia, após completar o curso secundário.

Hon Wai não tinha emprego e vivia em pobres condições. O seu pai havia abandonado há muito o lar para trabalhar em Macau e Shenzhen e a mãe, há cerca de dez anos que havia fugido com um outro homem que viria a desposar.

Apesar destes condicionalismos, Chan Huei Chin foge de casa dos pais motivada pela firme oposição que estes demonstravam pelas suas relações com aquele homem.

Dedicaram-se então à venda ambulante de sapatos, ocupação que lhes iria fazer encontrarem-se com a vítima de todas estas peripécias, Leung Wan Kuan, que acabaria morto num hotel de Zhuhai, mas que, era a esse tempo, gerente dum hotel em Jiangmen, onde a rapariga fora vender sapatos, mas que, face à amabilidade do sr. Leung, acabou por pedir e encontrar emprego como empregada de mesa.

Tanto quanto foi possível às polícias averiguarem, a relação entre Leung e Chan desenvolveu-se muito rapidamente, em sinal contrário ao do restaurante que, ao fim dum ano faliu, numa altura em que a sr[[ordfeminine]] Chan já detinha uma posição de destaque.

É nessa altura que Leung Wan Kuan vai pedir à família de Chan Huei Chin a permissão para esta o acompanhar para Macau e Zhuhai onde acabam por casar e ter dois filhos.

Hong Wai, que entretanto casara com outra mulher de quem tivera já um filho, reaparece em cena fazendo ameaças constantes a Leung. O que obviamente cumpriu.

Desconhecendo-se vários pormenores importantes nesta trama, tais como o retomar das relações entre Hong e Chan e, principalmente, a mudança radical da família da viúva que, de oposição frontal a Hong, passa a colaborante num homicídio para que a filha possa, de novo, cair nos braços dele, até às razões que levaram outra dezena de pessoas a colaborarem também neste crime.

Por outro lado, sabe-se que a polícia veio a encontrar finalmente, num dia não

especificado desta semana, o casal homicida, vivendo num vão de escada, em paupérrima situação, de regresso do Vietnam, onde não permaneceram por não conseguirem adaptar-se à diferença de condições de vida. Juntamente com o casal, recuperaram também os filhos do assassinado que foram devolvidos à família do pai.

Um caso surpreendente que ainda não foi devidamente esclarecido, mas que, segundo a polícia chinesa sugeriu, não demorará muito a ser tornado público na totalidade dos seus estranhos pormenores.

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

O quase assalto ao banco

Passavam poucos minutos do meio-dia quando um homem pediu a um dos caixas do banco Seng Hang para lhe trocar uma nota de 50 dólares em notas de dez, para, pouco depois, lhe passar um papel com apenas duas palavras: Estou armado.

Felizmente que ainda há assaltos que correm como as comédias, tal como aconteceu em Macau na passada segunda-feira no banco Seng Hang, que se situa no piso superior de um conhecido supermercado da Rua da Praia Grande, mesmo ao lado do Tribunal. Mas ninguém ganhou para o susto.

Vinte minutos decorridos após o meio-dia, entrou um cliente muito especial na agência da Praia Grande do banco Seng Hang, por sinal, na última semana em que aquela agência ocuparia estas instalações, visto que na próxima segunda-feira irá encerrá-las para abrir num outro prédio da mesma rua.

Àquela hora do dia quase ninguém poderia notar a entrada deste assaltante. "a essa hora os funcionários do banco estavam a trabalhar já por turnos, o que é compreensível por se tratar da hora de almoço. O próprio guarda está a almoçar a essa hora!" revelou-nos Esther Wong, gerente daquela agência, que nos narrou calmamente o sucedido:

"O homem aproximou-se do sr. Leong, o nosso caixa, pedindo-lhe que trocasse uma nota de 50 dólares de Hong Kong em cinco de notas de dez dólares. Enquanto o nosso caixa abria a gaveta e realizava a operação pedida, o homem passou-lhe um papel com apenas duas palavras escritas: estou armado."

Começava assim o primeiro assalto a que Esther Wong presenciava, mas felizmente desenrolou-se numa maneira diferente dos seus medos:

"Quando o caixa acabou de ler o papel, olhou para o assaltante, com o cabelo cortado à escovinha, óculos, um casaco vermelho e, na mão, uma forma envolta num pano de onde emergia aquilo que parecia uma pistola. Nessa altura, o caixa tomou uma decisão baseada no homem que tinha pela frente. Levantou-se e veio ter à minha secretária, onde me disse: Ele está armado. Nessa altura já o homem tinha saído do banco, acho que quando ele viu o nosso caixa a levantar-se do seu lugar para vir ter comigo se assustou e dirigiu-se à porta sem pressas, para não chamar a atenção quer dos funcionários, quer dos clientes que estavam no banco".

Esther Wong, que continuamente se escusou a deixar-se fotografar pela reportagem do Jornal Novo, recusou a versão da imprensa chinesa local em cuja versão o caixa não se tinha levantado para ir ter com ela, mas sim agachado, gatinhando até à sua presença, sendo o inusitado desta reacção que teria descontrolado o assaltante. "nessa altura eu estava na secretária mesmo atrás dele".

Perguntamos então se seria a melhor atitude a tomar perante uma situação daquelas, o que nos foi respondido que não: "para o banco, a coisa mais valiosa que temos é o nosso pessoal e não o dinheiro. Aquilo que Leong fez não é o procedimento correcto, o banco está equipado com alarmes e controle de máquina fotográfica e, além disso, o procedimento correcto indicado pelo banco é o cumprimento da ordem do assaltante, ou seja, dar o dinheiro e, caso seja possível, accionar os dispositivos de segurança que mencionei e comunicar o sucedido à gerência e à polícia".

A polícia, que chegou rapidamente ao local, não teve tempo nem condições para agir, uma vez que faltavam, também elementos sobre o assaltante.

Por sua vez, o caixa Leong, conforme o tempo passava, ía tomando consciência do que podia ter acontecido, compreendendo o risco que tinha corrido ao ter uma reacção tão espontânea após ter conhecimento que o homem estava armado e das intenções que o moviam.

A gerente, que presenciou os acontecimentos sublinha: "ele olhou para o assaltante depois de ler o bilhete, isto significa que tomou uma decisão baseada naquilo que viu. Acho que a aparência do assaltante e da arma, ou daquilo que trazia no pano, o motivou a tomar aquela atitude."

"Todos os trabalhos têm o seu perigo", declara a gerente em resposta ao momento perigoso que os bancos locais parece estarem a passar, adiantando: "tudo depende dos sistemas de segurança e o nosso banco preocupa-se com a segurança dos seus funcionários. Nas novas instalações, que iremos ocupar a partir da próxima segunda-feira, a agência irá também dispôr de um sistema video de vigilância, de qualquer das formas, como lhe disse, o banco prefere que os funcionários permitam o assalto, não se deve resistir, isso põe em segurança os seus funcionários".

Esta gerente bancária afirma ainda que este assalto coincide nos seus passos com um certo padrão nos assaltos perpetrados em Macau: "o horário é sempre este, o da hora de almoço, aproveitando os turnos do pessoal; pedem sempre para os caixas efectuarem uma operação simples de câmbio; depois de verem que a situação é propícia, passam um papel ao caixa. O importante nestes assaltos não parece ser obter uma grande

maquia, mas antes, conseguir o dinheiro que for possível correndo o mínimo de riscos e é exactamente por isso que os caixas devem dar o dinheiro e não criar riscos para eles próprios".

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Barba de luxo

O barbeiro do Hotel Lisboa é o único que, em Macau, preserva os traços antigos dos rituais masculinos de fazer a barba ou cortar o cabelo, com os toques requintados do Território: cadeira vibratória e um barbeiro que não entende palavra do que se lhe diz.

Entre a sauna Fuji e o restaurante Pizza Hut fica o barbeiro do Hotel Lisboa, atrás de um par de montras com vetustas cabeleiras encaracoladas e estranhos produtos capilares, autênticas versões orientais do restaurador Olex.

A sala destinada aos homens é relativamente pequena, albergando cinco cadeiras que funcionam como "estação de trabalho", com tudo o que necessitam ao alcance dum girar da cadeira.

O sr. Lai, gerente desta loja desde que abriu as suas portas pela primeira vez, em 1971, dois anos depois do próprio Hotel Lisboa ter aberto as suas, mas, como gosta de frisar, "não sou o patrão, o dono é outra pessoa, eu só estou a gerir a casa porque ele não tem tempo nem conhece o negócio".

Lai Kin Lun tem agora perto de 60 anos, é casado com a sr[[ordfeminine]] Ieong Siu Cheng que trata da caixa de quem teve dois filhos, ambos formados pela Universidade de Macau e, bem longe dos cortes de cabelo.

"Comecei a trabalhar como aprendiz, a primeira vez que toquei numa cabeça, para a lavar, foi uma grande promoção, até aí só varria a sala e fazia recados, tratava das toalhas, etc."

Isto porque, natural da província de Cantão, foi atraído pelas luzes de Macau logo ao findar da guerra, valeu-se de um amigo e conterrâneo que era barbeiro de profissão. "Nessa altura não havia nada do que hoje é Macau, nem a China. Vim para Macau a pé e de barco, demorei cinco ou seis dias até cá chegar, mas não foi preciso nadar no escuro da noite para entrar em Macau, ninguém se importava com quem queria vir para cá trabalhar".

Corta as frases com as recordações dos primeiros dois anos daquela "sua" loja, "foi a loja mais bonita que eu já vi..." Mas segundo nos confessa foi ele próprio que transformou aquela que fora a sala de barbeiro e cabeleireiro mais bonita que viu, numa sala anódina, forrada a fórmica branca, com sofás e toda uma série de armários de gavetas repletas de instrumentos carregadíssimos de nostalgias, com os próprios

barbeiros, na casa dos sessenta anos, de bata e ar recurvado.

"Não podia ser, estávamos a perder dinheiro. Só esperei dois anos porque o contrato assim obrigava. Era lindíssimo, tinha dois lindos lustres, veludo por todo o lado... mas só tinha duas cadeiras para homens e outras duas para mulheres. Não dava para fazer negócio."

As cadeiras são, como a maior parte dos trabalhadores, atracção desde o primeiro dia. "Ainda hoje somos os únicos a ter este tipo de cadeiras." É um dos orgulhos da casa.

A clientela é composta por homens, na sua maioria portugueses e a secção das senhoras por chinesas e macaenses de ar abastado e tradicional. Porém, não é caro, o corte de cabelo tem um preço unisexo: \$48,00.

"Ao princípio eram cinco patacas e meia, mas isso era quando pagávamos cerca de quinhentas patacas de renda..."

Antes de abrirem a loja do Lisboa eram já cabeleireiros no hotel mais famoso de então, o Central, também com casino. "Quando comecei a trabalhar no Central, aquilo que é agora o hotel Lisboa não passavam de rochas e mar, para onde costumava vir pescar, mas agora isto está a acontecer em todos os lados. Ninguém sabe como é que isto fica uns anos depois".

A pesca é, como se percebe, o seu passatempo de eleição, "principalmente de há dez anos a esta parte, que foi quando começámos a ter uma folga semanal - antes nunca parávamos - além dos feriados normais, nos primeiros três dias do ano novo chinês, no primeiro de Maio e no primeiro de Outubro. Nós descansamos, mas o barbeiro nunca fecha..."

Considera os homens mais fáceis de satisfazer, "principalmente os nossos clientes, que gostam de cortes tradicionais", razão que torna a língua dispensável, "quando olhamos para o corte do cliente sabemos logo o que é que ele quer, no fundo é fazer igual ao que já está feito, qualquer outra coisa pode ser facilmente compreendido com gestos ou as três ou quatro palavras que sabemos de português: curto, corta, comprido..."

A sr[[ordfeminine]] Jeong observa o marido a falar com naturalidade e graça, sabe que ele está orgulhoso da sua loja e, continua a cobrar este ou aquela cliente que acabaram o corte, ou chama um dos trabalhadores para atender a um qualquer pedido.

Não tem medo da moda "a nossa associação profissional está a fazer um bom trabalho,

todos os anos fazem dois cursos de modernização e para profissionais com tantos anos como nós, quase basta ver para saber como fazer".



© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Brinquedos de morte

Não faltam lojas em Macau a vender armas, já vêm de longe as críticas a este tipo de brinquedos, porém, agora os brinquedos são cada vez menos para brincar e o que eram imitações das imitações que se usavam no cinema ou na televisão, passaram a ser as armas que se usam na realidade para assaltar bancos.

O problema que a nova geração de armas de "brincar" coloca não pode, nem deve, ser menosprezado. Além dos problemas educacionais, que poderão não tocar a sensibilidade de muitos, mas são inegavelmente uma encruzilhada por onde passa a sociedade vindoura, vêm colocar problemas imediatos.

Não precisamos ir para países longínquos para encontrar exemplos destes problemas de que falamos, ainda há dias foi preso, aqui em Macau, um assaltante de bancos que utilizava uma arma de "brincar".

Por outro lado, todos nós estamos familiarizados com o aparecimento das reproduções das armas nas montras das lojas de brinquedos e, se alguns ficaram chocados pela semelhança dos brinquedos com as armas reais, bem depressa se passou a um temor mais fundamentado quando das imitações de plástico se passaram às de aço, das armas que lançavam pequenas cápsulas de borracha se passaram a vender brinquedos que disparavam milhares de bolas de plástico (ou o que se quiser introduzir nos cartuchos) através de gás comprimido, cujas botijas podem atingir dimensões tão descomunais como as duas botijas de oxigénio para mergulho, susto ainda, por ver o arsenal aumentar e aumentar, passando das pistolas para as metralhadoras, bazookas, etc.

A guerra tinha chegado, mais exacta que nunca, às mãos das crianças.

Porém, não foram as crianças os primeiros a tirar partido desta nova fatia do mercado lúdico. Os criminosos, que não tendo facilidade em encontrar armas que lhes permitam perpetrar as suas actividades à margem da lei, mas que necessitam de algo que lhes dando uma supremacia imediata lhes permita uma acção rápida e sem o risco de objecções, deram pulos de alegria ao lhes ser aberta a possibilidade de poderem adquirir uma arma que nem mesmo um profissional reconhece a veracidade ainda que a uma pequena distância.

Mas em Hong Kong já não é assim...

Porém, se em Macau é possível adquirir imitações perfeitas de pistolas, espingardas ou metralhadoras, com o maior dos à vontades e em qualquer quantidade, já na vizinha colónia britânica tal não é possível.

As autoridades de Hong Kong resolveram adoptar medidas legais que obrigam comerciantes e compradores destes brinquedos a um procedimento idêntico ao necessário para aquisição de uma arma real.

O comerciante é obrigado a identificar o comprador e a enviar esse registo para a polícia. É que já se registaram inúmeros assaltos com este tipo de brinquedos, além de não serem tão inofensivos como isso, aliás, como os próprios fabricantes avisam nas caixas dos seus produtos.

Será que em Macau, sempre tão pronta a imitar os exemplos da vizinha metrópole, ninguém quer dar importância ao assunto?

É que estão bem enganados se pensam que isto fica por aqui, é que, a par das montras com estas armas "de brincar" já vão começando a aparecer outras, também em algumas lojas de brinquedos, que ostentam outro tipo de armas que de brincadeira já não têm nada.

Como as fotografias desta reportagem documentam, estão à venda, abertamente, vários modelos de facas, punhais e adagas que estão muito, muito longe dos canivetes suíços por onde começaram e ainda mais longe dos legais dez centímetros de lâmina que, tanto quanto sei, vigora em Macau.

Mas não são só facas, vários itens das polícias de todo o mundo estão à disposição dos eventuais compradores, começando nas lanternas e acabando nos "casse-têtes", anunciados como iguais aos da polícia americana.

A reportagem do Jornal Novo entrou em contacto com os serviços competentes, que nos informaram não existir qualquer disposição legal que regule a importação e comercialização daquelas imitações, mesmo, quando se sabe que são usadas para cometer assaltos e, nesse domínio, são tão eficazes como as verdadeiras.

Por outro lado, caso um assaltante seja detido e se verifique que utilizou uma imitação, é frequente ver a sua pena grandemente reduzida.

Mas a verdade é que, mesmo não havendo ainda notícia de terem sido encontradas em

Macau, já em Hong Kong foram apreendidos destes "brinquedos" que foram modificados por mãos criminosas de forma a aumentar a sua potência até porem mesmo em causa a vida do alvejado.

Vamos esperar que aconteça o pior para pôr termo a esta situação? Então apressem-se os responsáveis, pois já está a acontecer. Que dimensões deve ter uma desgraça para que se tomem precauções?

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

"Budismo diminui tensões no mundo"

O governo birmanês pagou uma viagem por todo o sudoeste asiático a Buddanta Amitha Wara para propagar a fé budista, ao mesmo tempo que lembrar a todos os birmaneses espalhados por estes países de que o seu país se lembra deles e da sua fé.

É de uma simpatia contangente, enquanto nos fala da tolerância que rege a actuação dos budistas: "toleramos qualquer religião, podemos dizer que somos alheios a qualquer movimento redical".

Chegou agora a vez da comunidade birmanesa de Macau, avaliada em cerca de 25 mil pessoas, poder contactar com este homem baixo e forte, com óculos de grossas lentes.

Quando nos encontramos com ele, está a colocar a sua veste, enrolando o longo manto e envolvendo com ele o corpo. Fala em inglês, mas prefere que um seu seguidoro ajude a traduzir, o que o leva a atrasar a cerimónia, esperando que o tradutor nos diga a sua última frase. Foi a oportunidade, rara, de seguir uma cerimónia budista, passo a passo, apesar de toda a comunidade ter de esperar, também, pela tradução, para passar para o mantra seguinte.

Enquanto esperava que os fiéis acabassem de comer numa sala vizinha, explicou-nos o seu périplo asiático, que iniciou na Índia, onde assistiu à ordenação de 250 novos monges, seguiu-se depois o Sri Lanka, Tailândia, Nepal, Singapura, Japão, Coreia do Sul, Pequim e Hong Kong; depois de Macau será a vez da Malásia e Indonésia antes de, finalmente, regressar ao seu país.

Sobre Burma, quando indagado sobre a situação do país, afirmou estar "muito mais calmo", mas ao falarmos da prémio Nobel encarcerada, afirmou imediatamente: "peço desculpa mas não posso falar de política".

Tem agora 67 anos e, tendo-se iniciado aos 12, perfaz 55 anos de monge. "Todos estes anos fazem as pessoas respeitarem-me, não a minha pessoa enquanto corpo, mas o estado espiritual a que cheguei ao longo destes anos de monge".

"Para se ser monge", explica "é preciso respeitar as cinco regras principais do budismo, tal como todos os crentes: não matar, não roubar, não mentir, não beber álcool e, o que para os simples crentes é não cometer adultério, para nós é não casar... além destas

regras comuns a todos os budistas, existem outras 95 que os monges têm também de obedecer..."

Para os budistas, tal como para os católicos, a mulher continua a ser uma tentação e, também a ser mais passível de ser tentada, razão pela qual, apesar de existirem "monjas", estas não podem ascender às fases mais elevadas do budismo: "elas nunca podem ser "beikku", que é aquele que está fora do alcance da luxúria, da ira e das ilusões".

Ri-se muito quando lhe falamos das reações que as mulheres ocidentais têm produzido contra a igreja católica e adianta: "mas não há nada a fazer, as mulheres têm menos regras do que os homens, 95 como lhes disse, elas não conseguem resistir às tentações tão bem como os homens..."

Quanto às práticas religiosas, Wara, centra tudo na meditação: "primeiro é preciso começar a concentrar-se mantendo o pensamento num ponto, sem permitir que ele se desvie por qualquer razão, nem que se abra ao exterior, depois é preciso encontrar a diferença entre o espiritual e o material, por fim, nós budistas, acreditamos que é preciso manter o equilíbrio entre estas duas realidades". É a estrita observação de todos estes preceitos que faz de um simples mortal um "ariya" ou santo.

Estão a chegar cada vez mais crentes, depois de comido um saborosíssimo min de coco com galinha, o que motivou a nossa curiosidade sobre a carne, imediatamente desfeita por Wara: "só os budistas chineses são vegetarianos, os outros não comem apenas a carne de vaca".

A cerimónia é de uma simplicidade comovente. O mestre sobe para uma mesa coberta com uma simples e normal manta, colocando-se em posição de lótus e dirigindo-se directamente aos fiéis: "há quanto tempo não meditam? mais tarde vamos ter oportunidade em fazê-lo em conjunto, mas agora vou recitar um mantra que se destina a afastar as energias maléficas..." Começa entoar o mantra, numa voz segura, de olhos fechados, apesar de os abrir de quando em vez para se certificar da atitude dos fiéis.

De seguida foi recitando três outros mantras, o primeiro pedindo a benção de Buda para que mantenha a vida de todos os presentes nos caminhos do bem, resistindo às tentações, antecedido, porém, por conselhos aos presentes para serem bons para a família, os amigos e a comunidade. Seguiu-se um mantra invocando a protecção dos seres espirituais através do amor que a eles se devote e, finalmente um outro pedindo a benção dos guardiões.

Começou então a ensinar aos presentes a difícil técnica da meditação: "Começamos só por um minuto, concentrem-se na respiração, fechem os olhos e não permitam que nada vos faça desviar o pensamento da respiração".

Na escada do edifício crianças gritavam numa brincadeira pegada enquanto que na rua o bulício normal do mercado vermelho não se condoía com aqueles que tentavam seguir os ensinamentos do mestre. Passado cerca de um minuto, o mestre explicou: "tal como a vossa respiração, agora inspirando para logo depois passar a expirar, tudo é transitório".

Despediu-se dos crentes lembrando-os da necessidade de meditação: "através da meditação e da concentração fortalecemos as necessidades espirituais, mantendo o equilíbrio com as necessidades materiais".

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

De Burma para Macau com 80 patacas no bolso

Não se trata duma proeza de qualquer aventureiro, mas sim duma convulsão política interna no estado da Birmânia que empurrou mais de duas centenas de milhares de chineses naturais daquele país a fugirem. "Tudo nos era vedado, desde os estudos ao trabalho no governo à mobilidade pelo país..." afirma o director da Associação de Birmaneses de Macau.

Começaram a chegar a Macau nos fins da década de sessenta, trazidos pela entrada do actual regime instituído na Birmânia, o mesmo que não aceitou o veredicto das urnas em 1990 e que mantém atrás das grades uma prémio nobel da paz.

Porém, começando pela director da Burma Oversea Chinese Association, Wong Keng Ieng, todos são unânimes em reconhecer que foi ali que nasceram e, por isso, mantêm um amor especial à sua terra.

As condições em que saíram, foram, contudo, extremamente difíceis: "por lei, não podíamos trazer mais do que 10 dólares americanos por família, o que nos colocava numa posição extremamente delicada à chegada a um novo país onde não se conhecia ninguém".

"É exactamente neste contexto que apareceu esta associação, há 23 anos atrás", afirma o director, passando de seguida à pormenorização das suas palavras: "nessa altura havia imensos condutores de taxi que também tinham vindo da Birmânia e, ao constatarem que existia tanta gente a chegar e sem ter nenhuma forma de sustento, tentavam ajudar como podiam, nascendo assim a ideia da criação de uma associação que pudesse tomar conta destes casos duma forma mais apropriada, o que foi acontecendo, pouco a pouco, até conseguir que a comunidade birmanesa se estabelecesse no Território". Está obviamente orgulhoso dos resultados obtidos pela associação que lidera, acrescentando pouco depois: "ainda hoje nos procuram, mesmo para resolver disputas conjugais, pedindo-nos para dizer da nossa justiça e resolver os seus impasses."

Wong Keng Ieng, que escolheu o nome português de José, era estudante na Birmânia quando foi apanhado pela necessidade de fugir com a sua família e vir buscar Macau: "foi muito, muito difícil ao princípio. Logo no dia seguinte à minha chegada a Macau, já estava a trabalhar numa fábrica. Todo o dinheiro que tinha foi-me emprestado por um amigo que já cá estava. Até as mulheres, que na Birmânia não necessitavam de

trabalhar, se viram na contingência de terem que trabalhar em Macau", as caras, ostentando mais orgulho do que tristeza, mostravam também que esses tempos deram lugar a uma comunidade que singrou nos negócios e se soube adaptar tão facilmente à vida local que hoje em dia será difícil distinguir os birmaneses dos chineses locais, "perdeu-se já, por exemplo a ideia de que esta área do Largo dos Três Candeeiros era uma "zona birmanesa", o que continua a ser verdade, de tal forma que tem o seu restaurante aqui implantando e nós próprios, a sua associação..."

"Nos primeiros tempos tivemos também um apoio determinante que foi o dos Kai Fong, as associações de moradores e também a associação dos operários", refere José, que continua: "na altura quase nenhum de nós dominava o cantonês, todos falávamos mandarim e passámos a abastecer-nos nas lojas da associação dos operários, onde tínhamos dez por cento de desconto e a enorme vantagem de sermos compreendidos por aqueles que nos atendiam".

"Naquela altura era muito frequentemente citado por nós o provérbio chinês: "cerrar os dentes e trabalhar sem parar para o futuro", basta referir que só nos três anos seguintes a 1972, chegaram a Macau mais de oito mil birmaneses, todos nas condições que lhes referi, 80 patacas no bolso, sem pedras preciosas ou ouro, nada!"

Entretanto, mesmo ao lado da associação, a juventude decidiu criar o clube desportivo "Gato Preto", que desde o futebol ao pingue-pongue, desenvolve todos os tipos de desporto, com um especial carinho pela dança do leão, através da qual têm recebido diversos elogios e grande lugar de destaque, tal como o convite para uma apresentação na "catedral" do Kung Fu, o Mosteiro de Shaolin.

Com uma direcção e actividades completamente diferentes das da associação, o Gato Preto conta com cerca de mil associados, que além de apoiarem as actividades do clube, desenvolvem também alguns desportos ou, pelo menos, sempre vão jogar um Majong com os amigos e conterrâneos.

Quanto à associação, que conta actualmente com cerca de dois milhares de associados, se bem que continue a ajudar os elementos mais pobres da sua comunidade, o seu papel, apesar de continuar a ser o de apoio, tem acompanhado o crescimento dos seus membros.

"Temos que agradecer à administração de Macau a abertura que demonstrou em nos receber, além de afirmarmos a nossa disponibilidade para a participação no desenvolvimento do Território, desenvolvimento a que já estamos ligados, pois tantos de nós trabalharam para construir estes novos prédios, as novas ruas..."

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Vestuário tradicional chinês ameaçado

Demasiado trabalhoso e pouco lucrativo

Estamos no fim das velhas "artes", substituídas pelo pragmatismo da vida moderna. O vestuário tradicional chinês, de onde sobressai a famosa cabaia, é mais um desses exemplos. Apesar de vermos a sua elegância demonstrada pelos melhores restaurantes, hotéis e casinos do Território, o seu futuro está ameaçado, "exige demasiado trabalho e não dá suficiente margem de lucro", afiança o mais antigo alfaiate da especialidade ainda em actividade em Macau.

A Alfaiataria Lai Va já conheceu melhores tempos, quando possuía uma grande loja, perto dos Serviços de Turismo, bem no centro da cidade. O seu dono, Vong Iu Va, afirmou à reportagem do Jornal Novo: "queríamos acabar este negócio, eu sentia-me velho e os clientes começaram a rarear... mas a verdade é que quando realmente fechei a loja, as pessoas me procuravam, quase me obrigando a continuar a trabalhar..."

Vong Iu Va tem agora 73 anos, é casado e tem cinco filhos, dois dos quais estão a viver no estrangeiro. Nenhum quiz continuar o negócio do pai.

Tendo nascido em Cantão, veio para Macau em 1936, depois de terem assassinado o seu pai por motivos políticos: "o irmão do meu pai estava muito ligado ao Kuomintang e foi essa a razão da sua morte. Durante muito tempo, muitos amigos esperavam que eu regressasse para vingar a morte do meu pai, mas eu nunca estive pelos ajuste, a vingança nunca tem fim, depois seria alguém da família do assassino a vingar-se de mim e assim sucessivamente".

Aprendeu, já em Macau, a arte de fazer cabaias, "são roupas atribuídas à dinastia Tang, qualquer uma delas, quer este modelo da cabaia comprida, quer um modelo mais curto, ou mesmo aquele modelo ainda mais reduzido em que a cabaia parece uma camisa ou casaco, completado depois por umas calças, ainda hoje extremamente frequente".

A assinalar as suas palavras, entrou na sala de trabalho a sua esposa, seguida de imediato pela respectiva mãe, ambas com o mesmo modelo de cabaia que o velho alfaiate acabara de descrever, apesar da sua sogra, além da cabaia, ter ainda uma longuíssima trança que a fazia parecer uma personagem saída por milagre de outras eras.

Acabadas as apresentações, veio a história do casamento, que o alfaiate deve, em boa medida, à acção daquela que acabaria por ser a sua sogra, uma vez que foi ela a pressionar a filha, demonstrando as boas qualidades do pretendente. "Ele era trabalhador e muito bom rapaz, além disso estava muito sózinho.." afirmava a sogra.

Após a sua chegada, a mulher dominou mais as respostas: "temos várias clientes portuguesas que gostam muito das cabaias longas e curtas, mas é claro que a maioria dos clientes são chineses que mandam fazer este tipo de vestidos para os casamentos. É tradição, nos casamentos chineses, que a noiva use uma cabaia longa, enquanto que a sua mãe e sogra usam um modelo mais curto".

É também desta alfaiataria, agora situada numa das travessas do Largo do Senado, que saem boa parte dos uniformes que vemos no corpo das empregadas dos melhores restaurantes, hotéis e casinos do Território, mas não só, Vong Iu Va mostra-nos umas largas dezenas de impressos duma empresa de exportação local, com medidas para manufactura de cabaias encomendadas pelos Estados Unidos. "Também fazemos muitos trabalhos para artistas, cantoras de ópera chinesa, etc." acrescenta o alfaiate.

O preço das cabaias depende, naturalmente, do tecido, mas quanto à mão de obra, as cabaias longas custam 900,00 patacas, as curtas 700,00 e o modelo com calças, 400,00.

Os homens, que noutros tempos estavam também abrangidos por uma peça de vestuário bem semelhante à cabaia, ficaram definitivamente arredados do seu uso, agora, apenas recorrem aos serviços da Alfaiataria Lai Va para fazer um "min hap", que é aquele tipo de casaco tradicional chinês, de inverno, almofadado e, normalmente de seda, quer o exterior, quer o almofadado.

Nesta altura da reportagem, chega o filho da senhora que faz os botões, ou fechos, das cabaias, que, por se tratarem de um trabalho especial, não são feitos pela alfaiataria, que os encomenda a outra pessoa. Vong Iu Va analisa cuidadosamente o trabalho floreado dos botões e acrescenta outra encomenda que o rapaz leva à mãe.

"Isto dá muito trabalho", desabafa a sr[[ordfeminine]] Vong, mostrando o remate da baínha, todo cosido ao longo do vestido por uma tira de seda em cor a condizer, acrescentando: "e isto é só a baínha, mas toda a cabaia tem este tipo de pormenores..."

Vong Iu Va, em geito de lamentação finaliza: "quando deixar de trabalhar ninguém vai continuar a fazer cabaias..."

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Concurso de cabeleireiros

Profissionais de Macau, Hong Kong e Cantão disputaram vários prémios no passado dia um de Dezembro, no Teatro Alegria, animando a assistência com o arrojo dos cortes e das cores e também com os modelos...

Com a participação de treze profissionais de Macau, cinco de Cantão e três de Hong Kong, realizou-se no passado primeiro de Dezembro o segundo concurso do género, sendo a primeira vez que contou com concorrentes de outros países.

O presidente da Associação de Cabeleireiros de Macau, Zhan Zhe Han, que foi responsável pela organização da contenda, explicou o funcionamento desta edição: "existem três categorias neste concurso, homens, mulheres e penteados de "noite" que é uma categoria também feminina, haverá um júri, composto por profissionais de Macau, Hong Kong e Cantão que avaliarão os concorrentes tendo em conta vários critérios como o design, cor, inovação...".

O presidente desta associação manifestou grandes esperanças nos cabeleireiros de Macau que considerou estarem "ao mesmo nível dos de Hong Kong, aliás, existem muitos profissionais no Território com cursos tirados na Europa ou nos Estados Unidos da América. Comparando as três cidades, apenas Cantão tem ainda um nível um pouco inferior". Instado a responder se este era um bom negócio, respondeu, sorrindo, que "se não estiver a pensar em ficar rico, é um bom negócio".

Interrompidos pela chegada de Edmundo Ho, que atraíu a atenção dos fotógrafos e da organização, foi a altura de abandonar o átrio e procurar os bastidores, situados sob o palco do conhecido teatro. Aí era o relógio e não os políticos, que monopolizavam as atenções que, freneticamente tentavam dar os retoques de última hora.

Sentados nas duas filas de espelhos que constituem o grande camarim colectivo do Teatro Alegria, estavam todos os concorrentes, com os penteados meio completos, pois, segundo as regras, têm de cortar parte do cabelo em palco, sob os olhares do júri.

Numa ponta, os cabeleireiros tailandeses, que fizeram questão de estarem presentes, davam alegria e cor ao ambiente, com a extroversão dos seus modelos, vestidos a rigor e preparados para concorrer nas categorias de homens e "noite".

Um dos cabeleireiros de Hong Kong estava a ser maquilhado, demonstrando o que viria a estar patente mais tarde, durante o concurso propriamente dito, quando se apercebeu o quanto estes profissionais prezavam a parte de espectáculo que estes certames evidenciam. Pouco depois, alguém na organização gritava "stand by, stand by" e todos se agitaram nos últimos pormenores antes de entrar em cena.

Começando pela categoria de homens, após uma demorada e desorganizada entrega de lembranças aos ilustres presentes, os modelos entraram, para gláudio da assistência e o concurso começou.

Ficou patente, consoante os cabeleireiros iam desenhando os seus penteados, que quem tivesse comprado bilhetes (que atingiam as cem patacas) com o objectivo de encontrar um corte de cabelo que lhe conviesse saíria decepcionado. Com a totalidade dos modelos com madeixas pintadas de cores tão fortes como o vermelho vivo ao amarelo dourado, o objectivo estava nitidamente colocado no espectáculo.

Passados os 40 minutos para apresentarem o resultado, pareciam evidentes as palavras do sr. Zhan. Entre os dois Territórios do estuário e a cidade de Cantão havia uma grande diferença. Os dois cabeleireiros de Hong Kong, que cortaram e pentearam o cabelo (vermelho) a dois adolescentes de blusão de cabedal e calças de ganga, saíam satisfeitos com os prémios da categoria e dos modelos. Porém, a honra de Macau acabou por ser salva quando um penteado em madeixas amarelas e que finalizava numa popa que lembrava uma argola de "crochet", ganhou o troféu de "absoluto masculino".

Foi então a vez das mulheres, completamente dominada por uma belíssima modelo de Hong Kong, cujas poses (e pernas) íam arrancando os assobios da assistência, os flashes da imprensa e, finalmente, os prémios do júri.

Quando chegou a vez dos penteados de noite, a assistência foi levada ao rubro por um (uma?) modelo proveniente da Tailândia, cuja mini-saia, habilmente encenada pelo constante traçar de pernas, veio fazer os espectadores largar os seus confortáveis lugares para a vedação do fosso da orquestra que impediu maiores avanços. Até um dos elementos do júri não resistiu a aproveitar o seu privilégio da proximidade para rapar da câmara e registar o/a modelo para a posteridade.

Depois da actuação da banda local Focus, vieram os prémios, distribuídos sábiamente pelas três cidades, mas com ambos os "vencedores absolutos" a permanecerem em Macau. Festa, foi quando o tal modelo tailandês, apoiado por alguma claque mas com a unanimidade geral de todos os presentes, ganhou o prémio de melhor modelo de "noite"...

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Vida de cão(peão)

Levanta-se cedo para tomar o pequeno almoço e fica na loja durante o resto do dia. Ao almoço, não tanto para comer como para limpar os dentes, tem direito a uma pastilha especial, única refeição até ao jantar, pelas oito da noite, imediatamente antes do grande passeio do dia, pelo Jardim Vasco da Gama. Chama-se Pat Chai, que é como quem diz Oitavo Rapaz, actual "pug" campeão de Macau e Hong Kong.

Mok Vá é o dono da loja de animais Tak Seng, que com verdadeira propriedade se deveria de chamar loja de cães, pois em completa sintonia com os seus animais, detesta gatos e não lhe agradam os outros animais de estimação.

Começou a tratar de cães há cerca de 30 anos, porque "sempre gostei muito de cães, não há outra razão, sempre me dediquei muito a esta profissão. Estudei em Hong Kong, onde aprendi, numa escola dos Novos Territórios, a treinar cães, mas talvez tenha sido no Estados Unidos que aprendi mais e melhor sobre a criação de animais para concursos".

"Os concursos de cães são uma mistura de concurso de beleza e de destreza. Primeiro os juízes certificam-se de que os animais possuem as medidas standard internacionais para a respectiva raça, depois entram diversos factores que têm a ver com a forma como foram trinados, a maneira como andam, que deve ser em passos largos, a maneira como mantêm a cauda levantada e direita, a maneira como se mantêm imóveis perante o juiz o tempo que ele considerar necessário".

Pug é uma raça chinesa, à primeira vista bastante semelhante ao bulldog, talvez um pouco mais pequeno. Mok parece ter alguma predilecção por raças chinesas, apesar da sua loja apenas apresentar meia dúzia de animais, três outros andares do mesmo prédio destinam-se à criação de cães, muitos dos quais, tal como Pat Chai, são campeões, como os incontáveis troféus, medalhas e certificados espalhados por todo o lado atestam.

"Em Macau, devido à dimensão do Território e a quase toda a gente viver em apartamentos, os cães preferidos são os mais pequenos. Mas a regra é a mesma em todo o mundo: os homens gostam de cães grandes e possantes, como o boxer, o pastor alemão e o dobberman, enquanto que as mulheres gostam de cães pequenos e de pelo comprido como o shar pei ou o shih tzu".

Segundo A Mok a raça mais inteligente e mais cara é o pastor alemão, "mas isto depende de várias coisas, também podem ser extremamente baratos se não tiverem os requisitos necessários, mas aqueles que se vendem mais são os pequenos, como já disse".

Na loja está uma ninhada de shih tzu que custam a módica quantia de quatro mil e quinhentas patacas, ao contrário dum congénere seu, um pouco mais velho e que portanto custa já um pouco mais: seis mil patacas. O mais barato de todos é um yorkshire terrier, já com mais de seis meses e pelo mesmo preço das crias, quatro mil patacas. Como é evidente, Pat Chai não está à venda.

O campeão tem cerca de ano e meio, preparando-se para conhecer o primeiro acasalamento, a única forma dos donos começarem a ver algum lucro, pois os prémios nunca são pecuniários, apesar de, através deles se valorizar extraordinariamente um animal. "O outro campeão que vendi, um shih tzu, pagaram mais de cem mil por ele... mas para que um animal campeão faça crias a uma cadela, é preciso escolher bem, não vou deixar Pat Chai acasalar com qualquer cadela..."

Estes instintos quase paternais demonstram também a profundidade da relação entre o dono e o cão, óbvio quando A Mok começa a imitar o ganir canino e Pat Chai inclina a cabeça entre o intrigado e o protector.

"Tenho treinado muitos cães", continua A Mok, "ao contrário do que muitas pessoas pensam, não há grande relação entre um treinador e o animal, durante cerca de dois meses apenas ensino um cão a aprender as coisas básicas que um cão deve aprender, sentar, deitar, parar, andar ao lado do dono... mas disto tudo, só a voz de ordem irá permanecer na memória do cão, não a pessoa, isso fica para o dono que, esse sim, irá desenvolver uma verdadeira relação com o seu cão."

Mok Va, que está neste momento a preparar o desenvolvimento do seu negócio para a República Popular da China, mas, no quotidiano da sua loja, recebe, além dos telefonemas a que assistimos, perguntando como se deve dar banho, ou comida, aos cães, os clientes, muitas vezes indecisos, procuram, também que tipo de cão se ajustaria melhor a eles:

"Primeiro pergunto se preferem um cão pequeno ou grande, depois se querem pelo comprido ou curto, depois é muito fácil para eles escolherem, pelo menos muito mais fácil do que fazerem-no entre centenas de raças existentes".

A Mok, continua a receber e atender os seus clientes, vendendo comida ou mil e um

acesórios para cães, que vão das coleiras e mantinhas para os protegerem do frio do inverno, até pequenos laços para embelezar os longos pelos dos shih Tzu.

E os rafeiros? "Bem, esses são, sem sombra de dúvida os mais espertos cães do mundo, a sobrevivência obriga-os a desenvolver mais defesas do que qualquer destes cães de que falámos."

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

A Associação da Carne Fumada

O associativismo do Território não deixa de espantar os observadores ocidentais pelos polos em torno dos quais as gentes locais sentem afinidades para se associarem em seu torno. A Associação da Carne Assada é uma agremiação de origem laboral que, não só restringe a área de trabalho, não a qualquer tipo de confecção de carne, mas apenas àquela que é assada, como ainda define, claramente, que apenas aceita aqueles que assam carne de porco...

As instalações da Associação Da Carne Fumada situam-se num daqueles andares de planta tortuosa em que, para se chegar à sala de reuniões se tem de passar pela cozinha. Mobilada com móveis das mais modernas mesas de fórmica aos mais antigos conjuntos de pau preto.

O director da associação, mostrando-se surpreendido pelo interesse da reportagem na associação que dirige, começou por explicar que "esta associação defende os direitos dos trabalhadores deste ramo, principalmente agora, não há grandes razões para notícias".

Explicadas as razões da estranha curiosidade ocidental, o sr. Lin Wen Chau, explicou à reportagem do Jornal Novo que esta associação tem já pergaminhos, visto que se formou por volta dos anos 30, apesar de, nessa altura ser obrigada a usar um outro nome, segundo este director, devido às pressões do então reinante Kuomintang do generalíssimo Chiang Kai Shek, "ainda hoje as pessoas mais idosas se lembram desse nome..."

As razões que levaram à instituição de semelhante associação, foram, ainda segundo o mesmo director: "As condições dos trabalhadores eram, naquela altura péssimas, como havia muitas pessoas à procura de emprego, por qualquer razão os patrões despediam os empregados, que ficavam na miséria, além disso, é preciso não esquecer de que, nesses tempos, os trabalhadores da carne fumada nem tinham salário, está aqui o meu colega, Lee In Sou, que nessa mesma altura já trabalhava neste ramo, sem receber um avo. comia e dormia e era tudo..."

Actualmente com cerca de 300 sócios, a Associação da Carne Fumada não se pode dizer que seja pobre, apesar de, nas suas origens se encontrar a mais feroz exploração do primitivo capitalismo chinês. É que o Matadouro, cada vez que abate um porco,

contribui com uma pataca para esta associação. "Actualmente o matadouro abate cerca de 400 suínos diariamente, mas há épocas em que se abate mais."

Ligado a este campo desde os anos cinquenta, trabalhou no abate de animais durante vinte anos, até se dedicar à importação dos mesmos animais da República Popular da China, sempre como trabalhador, ou não seria dirigente da associação.

O sr. Lee, igualmente dirigente desta associação, continua ainda a fumar carne de porco: "Em Hong Kong já não há nenhuma casa que siga, como em Macau ainda fazemos, o método tradicional, já é tudo feito em máquinas elétricas. Aqui ainda usamos grandes frigideiras onde vamos colocando três grandes pedaços de carne de porco, com mais de 20 quilos cada um, temos de estar sempre a mudar a posição destes nacos e a verificar se já está, aquilo a que nós chamamos bonita, pois, além de ser cozinhada, tem de estar bonita, num processo que não leva menos de duas horas a completar. Todo este trabalho é feito extremamente cedo, de forma a que, no princípio da manhã possam ser vendidos às lojas que vendem esta carne nos mercados[[dieresis]].

Em Macau há 122 talhos destes nos mercados, "isto por causa do novo mercado do Bairro Iao Hon, onde abriram mais 32. Aliás, deviam ser 123, mas há um que ainda não abriu por falta de trabalhadores experientes para o fazerem, agora a situação inverteu-se, há muita falta de trabalhadores com experiência neste ramo".

Quanto aos estabelecimentos que fumam a carne, há dez destas empresas ainda a funcionarem em Macau, "claro que há ainda as pequenas lojas que fazem e vendem em pequenas quantidades a sua própria carne fumada, mas esses, normalmente são patrões, trata-se de empresas familiares.

Todos os dias, pelo menos na empresa onde trabalha o sr. Lee, são fumados cinco porcos, para começar, pois, ao longo do dia podem receber mais encomendas, o que os levará a cozinhar ainda mais porcos. "Mas há alturas onde a procura é extremamente grande, no ano novo, quando toda a gente quer carne fumada na sua mesa e, principalmente, no Cheng Meng, em que, por tradição se oferece carne assada aos antepassados, nesta altura começamos por assar logo dez porcos e depois continuamos a satisfazer as encomendas, mas dez porcos já é imensa carne..."

Para pertencer a esta associação, os operários têm de pagar uma pataca por mês e a associação organiza duas festas anuais, uma por ocasião do aniversário da República Popular da China e a outra no dia do trabalhador. Além disso, a associação ainda comparticipa nas despesas médicas, nas compensações pelos acidentes de trabalho, atribuindo, ainda, diversas bolsas de estudo aos filhos dos trabalhadores. "Não é preciso

os trabalhadores pagarem mais, o dinheiro que recebemos do matadouro chega para as nossas actividades..."



© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Casamento por computador:

Quantos Bytes tem o meu amor?

Haverá alguma decisão que necessite tanto da frieza da lógica como o casamento, quase sempre toldada por uma maré de emoções? É assim que as empresas de casamentos por computador apresentam as vantagens dos seus serviços. Já rodadas em Hong Kong, este tipo de companhias expandiu-se agora para Macau.

Começou por haver só uma, em Março passado, neste momento já há 3 e todas dizem o mesmo "em Hong Kong há muitos homens e em Macau muitas mulheres". Aí está o negócio.

Das três companhias que em Macau exploram o casamento por computador, duas estão situadas em lugares centrais situando-se a terceira no bairro de Hac Sa.

Curiosamente apenas uma utiliza de facto o computador, e mais curioso ainda, nenhum dos gerentes destas empresas é casado, mas todos afirmam ter o casamento já marcado para breve.

The Great Legend:

O SEGREDO É A ALMA DO NEGÓCIO

Miss Lee é a simpática gerente da "The Great Legend" companhia com o logotipo de dois coraçõezinhos vermelhos atravessados pela imprescindível flecha, situada no edifício dum Centro Comercial da famosa Rua das Mariazinhas. Nasceu em Macau, tem 30 anos e é solteira: Em casa de ferreiro, espeto de pau.

Fala em inglês apesar de conhecer um pouco de português: "Esta companhia nasceu no último dia de Março, é subsidiária duma outra empresa similar de Hong Kong". Fala das dificuldades que uma empresa deste género enfrenta numa comunidade chinesa "muito conservadora". Mas acrescenta: "Isso foi no princípio, agora já temos mais de 200 membros e, apesar de não podermos dizer ainda que efectuámos algum casamento, temos vários membros muito satisfeitos com os resultados. Também não nos podemos esquecer que só começámos há pouco mais de dois meses".

As instalações da empresa, além do abençoado ar condicionado, estão decoradas com algum requinte, como por exemplo as molduras com ilustrações muito românticas mas sempre de quartos de luzes filtradas por janelas abertas para jardins, enquadradas por diáfanos cortinados floridos.

Na recepção ganha destaque um computador pessoal de marca indefinida mas que é o responsável pela busca do par perfeito para cada membro. A máquina pouco tem de impressionante, mas Miss Lee apressa-se a defender a importância dos programas, especialmente concebidos por um técnico da empresa.

Depois de preencher a ficha, com cerca duma centena de entradas, bem como depois de ter esportulado a módica quantia de 200,00 para celebrar a inscrição, o novo membro submete-se à mística indefinida do computador, que depois de analisar os dados da ficha vai procurar a ficha gémea no seu banco de dados.

"A agência toma então a iniciativa de mostrar as fotografias, sempre de corpo inteiro, e obter de ambos os membros a luz verde para marcar um encontro." Miss Lee mostra-nos as duas salinhas preparadas para o efeito com duas cadeiras não demasiado confortáveis e com uma mesa entre elas.

O preço duma entrevista cifra-se em 300,00 patacas, mas ver as fotografias também não é de graça, são 20,00 por cada. Finalmente, depois dum noivado certamente perfeito e para se juntar às despesas do matrimónio, há que pagar 1000,00 em virtude do êxito dos serviços da companhia.

Pedimos a Miss Lee que proporcionasse uma entrevista de modo a podermos contar mais uma história, mas Miss Lee, sorrindo, não esteve pelos ajustes: "Não posso fazer isso, não é só pela questão do anonimato, pois acredito que também o vosso jornal o iria proteger, mas principalmente porque estaria a enganar um dos nossos membros". Compreendemos depois que o anonimato era qualquer coisa de muito importante quando a própria Miss Lee se recusou a ser fotografada e só depois de uma prolongada negociação conseguimos a foto que se reproduz, protegida por um manual de vendas.

Passado algum tempo, e sobre uma férrea interdição ao tabaco, é a própria gerente que se quer informar: "Portugal já tem agências deste género? Sabe, a nossa empresa quer expandir-se para a Europa, Estados Unidos e, principalmente, para o Canadá. Existem muitas possibilidades nesses mercados, sobretudo para alguém, como nós, que tenha uma boa implantação na China, Hong Kong, Macau, etc."

Percebia-se que o manual de vendas tinha sido bem estudado, não servia só para

proteger a face do olho indiscreto da câmara. Na sala dominava o cheiro de flores secas, e o telefone não parava de tocar, chamadas de Macau e Hong Kong pediam informações dos seus serviços ou preparavam os últimos pormenores do próximo encontro.

São Sammy Casamenteiro

Mesmo em frente do Jardim Vasco da Gama, no primeiro andar dum cabeleireiro tailandês, fica o acanhado escritório de Sammy, sem ar condicionado mas com a secretária entre os fogos de duas ventoinhas de pé alto. A pequena sala está povoada de cartazes de ídolos de Hong Kong, à porta uma grande bandeira de agradecimento dum casal que devia a sua felicidade à empresa, e um friso de três homens charmosos, em uniforme, anunciava nas suas legendas: "Parabéns, finalmente arranjou o homem da sua vida!"

Sammy é um chinês de Hong Kong que se mudou há um mês para Macau acompanhando o desenvolvimento do negócio das alcoviteiras da terceira vaga. Está seguro de si, diz algumas frases polidas em inglês mas prefere falar em cantonês. Imediatamente nos coloca o formulário sob o nariz e recosta-se na cadeira, para logo abrir gavetas e buscar ficheiros.

Porém, apesar dos formulários se apresentarem como uma escolha informatizada, os nossos olhos não descortinavam nenhum computador. Sammy não se perturbou, abriu uma porta e mostrou-nos um velhíssimo PC, com ar de quem não vê electricidade há um horror de anos. E comenta: "Eu conheço-as todas, não preciso do computador para nada." Senta-se novamente e manuseia um baralho de fotografias, "estão aqui cerca de duzentas" e passa umas quantas, "você está cheio de sorte, estamos agora numa campanha de promoção em que não é preciso pagar as 300 patacas de inscrição. Quer que eu lhe mostre algumas fotografias?"

Ver uma fotografia custa 20 patacas. Nesta altura já o hipnotismo das fotografias começa a surtir efeito, vistas de relance só para crescer a curiosidade.

A fase seguinte é a entrevista. Começa por uma consulta telefónica - gratuita - e caso haja um interesse mútuo marca-se um encontro, o que já custa 300 patacas. Quando há casamento (estatutariamente igual a 8 meses sem problemas) paga-se 1000 patacas. Neste ponto Sammy sorri "claro que esperamos sempre um bónus quando fazemos um bom matrimónio..."

Chega entretanto um jovem chinês de jeans e T-shirt, com os fones do Walkmann ao

pescoço; senta-se no sofá a 27 cm de nós e fica olhando as paredes verde alface salpicadas de posters. Alguns minutos depois uma rapariga bonita entra na sala e Sammy faz lacónicamente as apresentações: "Fong Siu Tchê, Keong Sin San", abre uma outra porta para uma outra sala e eis que começou a entrevista. "Os clientes podem fazer o que quizerem, estes preferiram falar aqui, outros preferem sair ou encontrarem-se fora. Nós não temos nada a ver com isso, claro, excepto o pagamento."

Formulários preenchidos e entregues começaram a chover as fotografias. "Estas três são muito boas, precisam casar depressa, olhe esta aqui, tão bonita!" E era bonita. A nossa atenção era imediatamente seguida e explorada, Sammy assaltava o telefone e imediatamente sabe mais pormenores, tenta pôr em conversa. 20 minutos depois descobria que era uma mulher que não podia ter filhos, na meia hora seguinte já tinha um menino com 2 anos, e 40 minutos depois tinha-se divorciado porque o marido não era rico. Sammy não esmorecia "Olhe esta aqui, tão bonita" e dizia a profissão, realçava-lhe a altura, "está a estudar na UAO" acrescentava.

O telefone não era menos desconcertante: "Hello, ih! ih! ih!" e inglês mais nenhum, outras tinham fluência suficiente para responderem que queriam casar para ter uma vida melhor, "ganho só 4 000 patacas" diz abertamente a Menina AAA "e no fim do ano tenho de voltar para a China".

Ao fim de alguns telefonemas e ainda mais fotografias Sammy começava a dar provas de nervosismo, a manipulação do baralho das fotografias já não estava a dar o efeito desejado, e eis que aparece a Menina BBB a sentar-se nos tais restantes 27 centímetros de sofá.

A Menina BBB tinha nascido no Laos, mas saiu para a Noruega onde viveu durante 10 anos, vindo de seguida para Macau onde reside há 10 anos. Trabalha numa fábrica de vestuário perto do Fai Chi Kei, nunca casou, gosta de ver cinema e ler os jornais, tem 27 anos, pinta-se com força para reforçar os olhos e veste de negro entre algumas pulseiras e colares.

A conversa, meio cantonês, meio inglês, meio norueguês e com algumas imprecações em português - manda a verdade que se diga - decorreu como será fácil imaginar. Afinal, apesar do look modernão, só a hipótese de sair com um ocidental a amedrontou e estabeleceu de imediato regras e horários conformes aos bons costumes, tanto na Escandinávia como na Indochina. Saídas à noite? Nem em Macau!

Iao Lun:

Já não há tempo para namorar !

A empresa Iao Lun fica num apartamento dum primeiro andar da Estrada da Areia Preta. As paredes verde alface estão decoradas com diversos símbolos queridos ao Fong Soi, um aquário e mobília simples. A secretária que nos recebe fica um pouco nervosa e imediatamente comunica com o "pager" do patrão, enquanto se recusa a ser fotografada. Manda-nos entrar para uma outra sala, mais requintada e com uma grande secretária de pau preto e ar condicionado. Era a sala das consultas. O Prof. Lam Hong vinha a caminho.

Magro e de óculos, chega prevenindo que não tem muito tempo pois precisa ir para a TDM fazer o seu programa de Fong Soi. Chama-se Professor Lam Hong e afirma saber com que linhas se cozem o vento e as águas. Para ele o bom cônjuge está escrito nas linhas da face.

"Antigamente trabalhava apenas com o Fong Soi, mas muitas vezes o problema dos meus clientes tinha a ver com o casamento e desde essa altura tenho feito muitos casamentos. Foi por isso que fundei esta empresa. Tive também o apoio de diversas empresas de Hong Kong, do Japão, etc." Mostra-nos a fotografia de um japonês sentado num lobby de hotel, depois entrega-nos uma carta de apresentação. "Ele trabalha em Hong Kong, numa daquelas empresas japonesas que contratam especialistas do mundo inteiro para trabalhar no Japão, chamam-lhes "caçadores de cérebros", mas descobriu que podia, pessoalmente, fazer também este tipo de negócio. No fundo é semelhante ao que aconteceu comigo. Também houve grandes mudanças em Macau que tornam este tipo de empresas úteis; a população aumentou, e a vida já é muito competitiva, toda a gente tem de trabalhar durante todo o dia, já não há tempo para namorar."

Para ser candidato a um matrimónio é preciso celebrar contrato com a Iao Lun, entregar uma fotocópia do BI - para certificar os dados da ficha - e fornecer as infalíveis fotografias de corpo inteiro. A inscrição é gratuita. e os restantes preços aproximam-se dos das empresas congéneres: Fotografias, 20,00; encontros, 300,00; casamento, 1000,00. O Professor, porém, avisa que não cobra 20 patacas por cada fotografia, mas sim pela consulta de todas as fotografias que lhe são propostas.

Para demonstrar, preenchamos a ficha de inscrição onde, ao contrário do que acontecia nas outras empresas, dá muito mais atenção aos dados "astrológicos". Após uma breve leitura da ficha o Professor atira-se a um livro com tabelas astrológicas e começa a comentar os resultados, fala dos elementos e estuda as possíveis correspondências. Depois observa o "tipo de cara" do cliente e é só então que vai estudar os seus arquivos para encontrar alguém compatível. Mas não foi preciso muito tempo para aparecerem

quatro fotografias sobre o tampo negro da secretária. "Penso que esta aqui lhe convinha muito, é enfermeira e fala português". Infelizmente não sabia tocar piano.

"Tenho muitos clientes na China, com eles as consultas são por carta, e quando desejam um encontro costumamos marcá-lo em Zhu Hai. Há um grande interesse da parte de muita gente da República Popular da China interessada em casar-se com alguém que viva no estrangeiro, ao mesmo tempo que nesses mesmos países, dentro da comunidade chinesa, há muito interesse em encontrar esposas de nacionalidade chinesa, talvez porque tenham maior afinidade..."

Perguntamos depois ao professor o que faz as pessoas procurarem os seus serviços, e ele responde na sua voz segura e pausada: "Há uma certa idade em que as pessoas começam a sentir-se atrasadas em relação ao matrimónio, julgam que não conseguirão casar-se; a vida em Macau é também muito difícil, é preciso trabalhar muito, normalmente não há muito tempo para conhecer e estar com outras pessoas, a conviver. Há também outros casos, como pessoas divorciadas, que face aos preconceitos sociais mais dificilmente conseguem voltar a casar. Por exemplo, o rapaz desta fotografia, ele trabalha numa agência de publicidade de Hong Kong, nunca tem tempo livre, e gostava de ter uma esposa mais velha; indicámos-lhe esta rapariga aqui, já divorciada mas sem filhos, secretária numa companhia de seguros. A última vez que falei com eles estavam satisfeitíssimos e penso que em breve se casarão. Ele é do elemento terra, tal como ela, e as datas de nascimento são muito harmoniosas."

Confrontado com o facto de ser um solteiro a alvitrar casamentos alheios, o professor não se desmanchou. Chamou a secretária e disse: "Nada disso, nós vamos casar ainda este ano, não é?"

E ela disse que sim.

© Ricardo Huang, in Comércio de Macau, 1989

Os Segredos da Casa da Promessa

A "Casa da Promessa", fundada há oito anos, fica situada numa transversal à Avenida Ouvidor Arriaga e dedica-se ao tratamento de toxicodependentes. Até aqui tudo bem, os problemas começaram quando a reportagem do Jornal Novo tentou saber como.

Situada numa rua ao longo do Colégio do Sagrado Coração, a "Casa da Promessa" tinha chegado às páginas dos jornais devido às queixas dos vizinhos.

O primeiro periódico a falar do assunto foi o Ou Mun que num artigo dava voz à vizinhança daquele centro de tratamento que se queixava dos internados utilizarem as suas residências para fugirem, pedindo para a instituição colocar barras nas janelas.

Como barrar as saídas seria transformar o centro de desintoxicação numa coisa semelhante a um estabelecimento prisional, fomos fazer uma visita ao local para tentar saber como iriam ficar as coisas.

Fomos recebidos por um senhor tão simpático como reticente. O seu nome Ah Pat, que é reconhecidamente uma alcunha, representa, como viemos a saber, o elo do primeiro dos níveis de desintoxicação. Porém, quando tentávamos tirar uma fotografia, apareceram duas jovens inglesas, uma das quais, com uma arrogância inexplicável acabou por não permitir serem tiradas quaisquer fotografias, até o director da Casa da Promessa acabar por dar a permissão. Esta senhora, que se recusou identificar, parecia não querer saber que os jornais também têm fotografias, manifestando total hostilidade para com a equipa de reportagem e tentando por todos os meios impedi-la de cumprir a sua obrigação - informar o público, quando percebeu que os outros elementos estavam a dar ouvidos à razão, retirou-se quando começávamos a perguntar: afinal o que estão a esconder?

Uma outra súbdita de Sua Magestade, Hayley Graham, começou então a explicar o que afinal devia ter sido o princípio da conversa: A Casa da Promessa é uma das quatro instalações da St. Steven Society, sediada em Hong Kong, onde desenvolve o mesmo tipo de trabalho, tendo sido fundada por Jackie Pullinger há cerca de trinta anos: "estabelecemo-nos em Macau porque um dos nossos irmãos teve uma revelação divina onde lhe foi indicado que aqui também precisavam da nossa ajuda".

O director da Casa, o sr. Ho Chao confirmou-nos o "estrito regime de voluntariado de

todos os 20 irmãos que residem na Casa da Promessa", afirmando de seguida que "não somos nós que os curamos, é Jesus e a fé deles em Cristo".

Hayley deu-nos mais pormenores: "não há qualquer publicidade sobre nós, é uma informação que corre boca a boca, aqueles que estão interessados vão a uma das reuniões de sexta feira em casa de Ah Pat e, é aqui que se decidem a aceitar Jesus". Instada a dar mais pormenores sobre essa aceitação, revelou-nos que "é simples e rápido, coisa de cinco minutos, podendo qualquer um fazê-lo, pois com o Evangelho diz qualquer um pode ser padre". Passado este primeiro contacto, "caso estejam interessados submetem-se a uma entrevista onde preenchem também um questionário em que se obrigam a um certo tipo de conducta".

O director, que a princípio não queria mostrar o questionário, acabou por ser demovido ao aceitar que apenas era confidencial depois de preenchido. Este questionário, além dos habituais elementos identificativos, descia a pormenores interessantes quanto a eventuais ligações a seitas e a prática de Kung Fu espírita.

"Na realidade os toxicómanos estão na maior parte dos casos ligados às tríades, pelo que é necessário ter esses aspectos em conta, quanto ao Kung Fu espírita é um tipo de luta em que se faz uma invocação de espiritos malignos que, pelas características da nossa sociedade, devotada a Jesus, é necessário, também, ter conhecimento. Desde o início, a nossa acção é rezar por eles e impôr-lhes a mão, pedindo a presença do Espírito Santo".

Este é o primeiro estágio, sendo seguido pelo segundo que é a Casa da Promessa, ao qual se não passa sem demonstrar fé em Jesus e aceitar as normais restrições de não ter drogas, acrescentadas pela regra de não ter quaisquer contactos com o exterior, mesmo por carta. Hayley explica: "A Casa é um retiro, queremos que aqueles que estão aqui estejam fora do alcance daquilo que os outros eventualmente possam dizer e que seja contrário aos princípios a que aqui obedecemos", continuando a explicar como funciona a Casa, afirmou que "rezam em línguas", o que nos levou a pedir uma maior pormenorização: "Deus concedeu-nos a capacidade de falar mais línguas do que aquelas que imaginamos que sabemos, através da oração esse dom pode ser exteriorizado. Tenho um amigo que, não sabendo falar mandarim, me disse numa dicção perfeita "Jesus é teu amigo" o que me espantou na altura, mas agora, que vi tantos milagres, já não me espanta, é frequente ver os irmãos a falar alemão, por exemplo, até vocês, poderiam falar uma língua caso assim rezássemos", continuando a falar de milagres, explicou que "as recuperações que tenho presenciado, são um milagre em si, sem qualquer das fases dolorosas que a desintoxicação, tal como fazemos, sem recurso a qualquer tipo de medicina, normalmente trazem. Os irmãos, que aqui ficam uma média

de dez dias, saem completamente curados".

O director da Casa, por sua vez, disse-nos que "os irmãos permanecem entre quatro e seis meses", ficando nós a braços com esta contradicção, que permaneceu. Nítidamente desagradado com a atenção que tínhamos dado à jovem britânica, explicou-nos que as duas jovens tinham vindo, a suas próprias expensas, de Inglaterra, para colaborar com eles. Atendeu então o telefone, ouvindo mais do que falando, mas acabando por dizer a quem lhe telefonara: "não, não deixámos tirar fotografias aos irmãos... eu sei, eu sei..."

Foi então que, reaparecendo a outra jovem, obrigou, positivamente a acabar a entrevista, com a desculpa de "a reunião está a começar", obrigando todos, director incluído a abandonar o escritório que até então tinha estado fechado por fora, à chave e com porta gradeada de ferro.

Nada a fazer, fomos postos nas escadas numa questão de segundos. Restava-nos confirmar a queixa dos vizinhos, o que fizemos, sob os cânticos da reunião da Sociedade.

Pelos testemunhos que recolhemos, os membros da Casa da Promessa são educados e respeitadores, não havendo qualquer queixa a apresentar...

A responsável da St. Steven Society de Macau, Karin Anrich, veio depois contactar a nossa equipa, manifestando o seu desagrado pela reportagem, dizendo: "não fizeram uma abordagem pelos canais próprios, nunca deviam ter tido acesso à Casa da Promessa e não deviam publicar esta reportagem sem falar comigo".

Com tantos e tão variados segredos, como descobrir a forma correcta de abordar esta sociedade? Pedimos à responsável para falar connosco ainda ontem, pelas 21,00 horas, o que foi recusado: "costumo trabalhar até achar que é suficiente e agora quero descansar!"

Apesar do maior respeito que esta sociedade, de grande implantação na vizinha colónia britânica, nos merece, continuamos sem perceber qual é a razão de tantos segredos. E já agora, talvez não fosse mal empregue o tempo em ensinar a jovem britânica que presta serviço na Casa da Promessa, o resto dos ensinamentos cristãos, nomeadamente os do respeito e amor pelo próximo. Mesmo sendo repórteres.

Escola de corte e costura

Aprendeu corte e costura através dos famosos cursos da Singer, para depois abrir a sua própria escola: "Macau". Com quatro níveis diferentes de ensino de corte e costura e ainda um outro curso de desenho. Numa terra de indústria têxtil, pode-se gabar de ter os três primeiros lugares no concurso de estilismo do CADI para as suas alunas.

Lam Man Heng é solteira e, quando lhe perguntamos a idade sorri-se com afectação e pergunta delicadamente se se pode furtar à resposta, está sentada à enorme mesa de corte da sua escola, olhando de frente para um quadro onde estão colados alguns moldes de papel; ao fundo da sala não estão máquinas de costura Singer, como se poderia esperar, mas máquinas de marca local igualmente enfeitadas com os intrincados arabescos das antigas Singer.

Explica-nos o funcionamento da escola, com cursos de manhã e à tarde, procurando assim contentar "donas de casa e suas filhas que estudam, ou outras senhoras que trabalham", porém, os tempos em que as senhoras procuravam em massa aprender a fazer as suas próprias roupas já vai longe: "antigamente não havia tanto dinheiro, além disso, as roupas eram muito mais caras do que o são hoje e não eram tão acessíveis, hoje em dia há lojas por todo o lado".

A escola de corte e costura "Macau" abriu as suas portas em 1969, o que faz com que este ano seja o seu 25^o a ensinar. "Antigamente tinha uma grande escola, com cerca de 30 máquinas, mas agora apenas oito são suficientes, pois os cursos têm oito a dez alunas".

"O preço dos cursos é muito acessível", afirma a sr^a Lam, "há alunas que vêm aqui aprender o seu ofício, umas para trabalharem nas fábricas, outras para trabalharem num alfaiate, ou ainda outras que querem abrir lojas de roupa, quando se matriculam no curso básico, a mensalidade é de 320,00, no intermédio é de 350,00 e a partir daí é de 380,00. Cada curso tem a duração de três meses, mas normalmente as alunas ficam por um ano, de forma a completarem os quatro níveis". Questionada sobre a importância dos cursos para quem quer apenas abrir uma loja de venda de pronto-avestir, respondeu-nos: "é muito importante, graças a estes conhecimentos que aprendem aqui, podem conhecer muito melhor as roupas que compram e vendem, a sua qualidade, o corte, a perfeição dos modelos, é muito importante... aliás, há tantas lojas que as donas aprenderam comigo, então aqui em redor da escola foram quase todas..."

Das duas escolas que legalmente ensinam corte e costura em Macau, uma é a dela e a outra de uma sua ex-aluna, uma vez que acabara já há muito tempo os cursos Singer.

Sobre a vertigem que a moda actualmente parece estar possuída, a sr[[ordfeminine]] Lam tem a melhor das opiniões: "é óptimo, está sempre tudo a mudar, é preciso ter algum trabalho a actualizar os conhecimentos, mas a verdade é que, no fundo, as coisas, ao nível do fabrico não mudam assim tanto, mas aqueles que pensam que o revivalismo que a moda, por vezes, utiliza, se trata da mesma coisa, estão muito enganados, pode parecer igual, mas não é, há sempre um tratamento diferente, a utilização de materiais ou cores diferentes, qualquer coisa que, de alguma maneira, actualiza a moda, por outro lado, agora a moda dita mesmo a maneira como toda a gente anda vestida, quando se usam as saias compridas, ninguém ousa usar as saias curtas do ano passado, ou então arrisca-se a ter toda a gente a olhar para elas".

A sr[[ordfeminine]] Lam também não tem medo do pronto-a-vestir: "é verdade que essas lojas tomaram a maior parte do mercado de compra de roupas, mas há sempre aqueles que querem alguma coisa especial, ou vêem alguma peça numa revista e querem uma igual e, principalmente, há o fabrico de uniformes, que, como imagina é uma grande quantidade de roupas, todas feitas à medida e que também variam quase todos os anos e com as estações do ano também. Muitas das minhas alunas, que têm negócios destes não têm mãos a medir para fazer uniformes..."

Para esta professora, ensinar corte e costura e abrir um negócio de roupas são duas coisas completamente diferentes, "há um sem número de formas de trabalhar que são próprios dos profissionais, tal como seria muito difícil para uma profissional ensinar... há até os "calos do ofício", próprios de quem usa as mãos para cortar e coser metros e metros de tecido por dia".

As fábricas de Macau nunca lhe pediram para tratar da formação das suas empregadas, "mas pedem-me muitas vezes para desenhar roupas, porém, aqui pagam muito mal pelos desenhos, eu sei que na Europa este trabalho é extremamente bem pago, mas aqui não é considerado um trabalho importante, não sei..."

A escola de corte e costura "Macau" irá continuar a ensinar as senhoras a fazer ou desenhar roupas por muitos e bons anos, tal como os cursos de corte e costura da Singer que se espalharam mesmo até às mais recônditas aldeias portuguesas ou aos mais longínquos cantos do império, onde, prlos vistos, deixaram as suas marcas.

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Escravatura em Macau

Quando um grupo de operárias pede, desesperadamente: "por favor, ajudem-nos, trabalhamos todo o dia e nem dinheiro temos para comer!" A tragédia dos trabalhadores arregimentados na China de formas pouco claras, aparece com toda a sua dimensão dramática. À boca pequena, sempre se falou das péssimas situações dos trabalhadores das fábricas de Macau, mas ninguém se quer dar, realmente, ao trabalho de saber. Quanto mais controlar.

As jovens chinesas chegaram ao Território há cerca de um mês, a 9 de Dezembro passado, comessando a trabalhar dez dias depois; são cerca de meia centena, provenientes de Fukien e, no princípio, parecia que estavam prestes a atingir o sonho de abundância que Macau - leia-se os recrutadores - prometem e que, aliás, pagaram a peso de ouro, nada menos que 30 mil yuan, "uma fortuna para mim, que tive de fazer a minha família pedir emprestados a várias pessoas... mas sempre pensei poder pagar tudo no primeiro ano de trabalho!" desabafa uma das operárias.

A parte real deste sonho mostrou-se muito mais cruel do que poderiam imaginar: "prometeram-nos salários na ordem das quatro mil patacas e estamos a receber menos de mil, pior do que em Fukien e de onde temos que tirar alojamento, alimentação e tudo o mais. A verdade é que o dinheiro não chega nem para comer".

Passado algum tempo, um outro homem entra em contacto connosco, está desesperado, afirma que a situação é terrível: "não nos avisam quando há horas extraordinárias, não podemos levar comer, a fábrica nem água tem para nós bebermos e temos de ficar a trabalhar desde as 14,00 até perto da meia-noite, sem parar e até nos descontam uma pataca por cada minuto que chegamos atrasados".

Segundo o testemunho dos trabalhadores, todos eles foram aliciados na sua terra natal por um tal sr. Wu, que recebeu quantias perto dos 30 mil Yuan por cada um dos trabalhadores, a título de "despesas burocráticas para obter toda a papelada necessária de forma a poderem emigrar para Macau". Na altura foi assinado um contrato por cinco anos, em que os ordenados mínimos eram de 60 patacas diárias, havendo depois um sistema de prémios de produção, segundo os mesmos trabalhadores, o sr. Wu afirmara que os ordenados normais se situariam na ordem das quatro mil patacas.

"Com quatro mil patacas parecia fácil poder reaver os trinta mil yuan e juntar mais

dinheiro. Mas logo no primeiro dia esse contrato foi-nos pedido e nunca mais o vimos, além disso, o que é pior, é que os ordenados são uma miséria, os horários de trabalho duram todo o dia e não temos dinheiro para comer".

Todos são unânimes nesta afirmação, o dinheiro nem chega para comer, além disso, "obrigaram-nos a fazer um depósito de três mil patacas, para certificar o cumprimento do contrato, o qual entregámos a um outro sr. Wu, residente em Macau e nomeado representante daqueles que nos contrataram".

A relação entre os dois senhores Wu é um mistério que se adensa ao entrar o organismo oficial do trabalho em Fukien que nomeia o segundo sr. Wu seu representante em Macau

"Já falámos muitas vezes com esse senhor, mas nunca fez nada, aliás, agora já nem nos atende". afirmam os trabalhadores, que continuam, "também contactámos a Associação dos Naturais de Fukein em Macau, mas também eles nos disseram não poderem fazer nada... Por favor ajudem-nos, trabalhamos todo o dia e nem dinheiro temos para comer". O homem que fala à reportagem do Jornal Novo vai mais longe: "em vez de poupar dinheiro para enviar para a minha família tenho de lhes pedir que me enviem algum, senão morro à fome, já pedi para a minha família falar com eles, mas não há nada a fazer, uma coisa é certa, mal possa voltar a Fukien, hei-de encontrar aquele malandro e juro que o mato!"

Contactada a fábrica em questão, o seu responsável, que não se identificou mais do que sr. Chan, curiosamente o mesmíssimo nome que atribui ao dono da mesma fábrica, negou tudo e mais alguma coisa:

"Antes do mais, não temos nada a ver com quem os contrata, são-nos enviados por uma entidade legal de Fukien, quanto ao contrato não sei nada, só o meu patrão, que não está, não sei quando vem, nem quando poderei contactar com ele. Quanto aos ordenados, eles ganham pouco porque não trabalham o suficiente, nós até pagamos melhor do que muitas outras fábricas, mas eles não sabem fazer bem este trabalho, nós até temos prejuízo pois eles estragam o material".

Confirma procederem a descontos, justificando: "Alguns chegam uma ou duas horas atrasados, temos de ter medidas para precaver isto". Levado a comentar a forma como os trabalhadores estão a viver, particularmente a fome e os horários, o sr. Chan afirmou: "não há nada que possamos fazer, eles têm que trabalhar mais... a vida é assim! Quanto aos horários é mentira que não os avisamos, talvez seja um problema de mal-entendido linguístico..."

Contactamos também o segundo sr. Wu, aquele que representa a entidade laboral de Fukien em Macau. Quem nos atende é uma senhora que, ao princípio se afirma sua colega mas, rapidamente se diz não ter nada a ver com o assunto, que quando é questionada se estamos a falar com aquela entidade nos começa por responder que não e depois, rindo: "pode-se dizer que sim, mas também se pode dizer que não". Também este sr. Wu não está, não se sabe onde está nem quando e como se poderá contactar.

A Associação dos Naturais de Fukien também ficou de confirmar ou desmentir as afirmações dos trabalhadores que lhes teriam recusado ajuda.

O Major Lourenço, que superintende as forças policiais que colaboram com a Direcção de Serviços de Trabalho e Emprego, revelou que "o papel das forças policiais se destina apenas a verificar a legalidade da estadia no Território, tudo o resto é com aquela Direcção de Serviços, aliás, como estipulado no decreto-lei 50/85/M".

Na Direcção de Serviços referida, ninguém podia dizer nada sem autorização do director, que estava ausente numa cerimónia.

Entretanto os trabalhadores estão aí e talvez outros como eles. Serão estes os custos do desenvolvimento económico de Macau?

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

O guardador de espíritos

Tem 45 anos, é casado e tem 4 filhos. Chama-se Tam Szeto e nasceu em Hoi Peng, na província de Cantão. O seu trabalho é no lado oculto da realidade. Faz exorcismos mas guarda os espíritos no seu altar para os treinar a ajudá-lo nos seus "trabalhos santos".

Recebe-nos com um sorriso inteiro, sem pruridos, numa loja de centro comercial. Convida-nos a transpôr o balcão e entrar numa porta meio discreta. Surpresa, estamos num templo taoísta dedicado ao mestre Lok Iam. De imediato Tam Szeto nos esclarece que "Lok Iam não é um Deus ou sequer um Santo, é um intermediário do poder celestial" Está aberto a todas as perguntas porque fui introduzido por um companheiro...

Apaixonou-se por estes assuntos desde criança, apesar de apenas ter entrado nesta confraria apenas há 5 anos. Fala longamente sobre a confraria Lok Iam Sang Kong (Lok Iam é o nome do mestre, Sang Kong significa trabalhos santos) porém, isto é assunto para outra oportunidade.

Afinal, quais são os trabalhos santos? "Fundamentalmente ajudar as pessoas. Há muitas coisas, mau olhado, problemas conjugais, por exemplo, tenho ajudado muitas esposas cujos maridos estão sob os efeitos de certo tipo de magia tailandesa..." e mostra-me um vulgar boneco, tipo "troll da sorte" que estava pousado num canto do altar, "repare bem nos olhos dele", pousa-o de novo, fazendo uma vénia a Lok Iam. "Também sou geomante, quiromante, tenho mais trabalhos no que chamamos de Fong Soi, a geomancia, tento ajudar as pessoas para terem mais sorte, mas por vezes também leio as palmas da mão, e também tenho bastantes casos de exorcismo.

O processo de exorcismo abre-se, tal como na igreja católica, depois de haver a certeza de que não se trata de qualquer problema patológico, mas a semelhança fica aí, depois tudo é diferente, a começar pelo facto de que os católicos não concebem os espíritos da mesma forma, atribuindo a possessão ao demónio.

"Normalmente é fácil de constatar que uma pessoa está possesida porque existe uma alteração drástica e inexplicável do seu carácter, além disso, as alterações são para coisas más, não comer nem dormir, falar de uma forma incoerente, espírito de auto-destruição, etc. Mas digo-lhe que mal eles entram aqui, ou quando eu entro na casa deles, sei logo do que se trata, porque, em caso de possessão, eles recusam-se a entrar aqui, ou, nas suas casas, tentam fugir de mim."

Segue-se então o exorcismo propriamente dito. Porém, ao contrário do que os filmes poderiam fazer pensar, há que estudar o caso de uma forma pormenorizada "é fundamental saber os antecedentes, é fundamental saber quem é o espírito e o que pretende; em casos mais difíceis torna-se mesmo necessário conhecer muito bem o espírito para saber as suas fraquezas, só assim se pode lutar com ele e vencer".

Depois precisa consultar o mestre e para isso tem de "lançar os copos". Estes copos são duas conchas presas num cordel e com uma moeda simbólica a separá-las. O método assemelha-se bastante ao do I Ching: "Quando os copos ficam fechados - com as bocas para o chão - não se pode fazer nada, trata-se de uma expiação, ou seja, é um caso de alguém que tem de passar por esta prova devido a algo que terá feito anteriormente. Temos de pagar pelos nossos actos... Quando estão ambos abertos, é sinal de que o mestre nos vai ajudar neste trabalho, e quando fica um aberto e outro fechado, significa um talvez, mas neste caso podemos perguntar de novo."

O ritual taoísta, curiosamente, baseia-se muito na escrita, ou melhor numa certa forma de escrever numa pequena tira de papel amarelo que depois se queima, ao contrário do ocultismo ocidental, mais baseado na oralidade - a reza.

"Feita a escrita e queimada, as suas cinzas são dissolvidas em água e damos a beber à pessoa. Nunca fazemos um exorcismo sem antes convidar o espírito a sair; depois da água fazemos um sinal na nuca - este sinal é também conhecido como selo - porém é diferente de selar - quando o fazemos o espírito identifica-se de imediato, e começam então as negociações para se saber porque é que isto está a acontecer, o que é que pretende, etc. só quando se trata de espíritos malignos é que existe a necessidade de recorrer a processos de poder, de luta, a maior parte dos casos trata-se de cumprir alguma tarefa que o espírito não pôde completar e por essa razão não pode prosseguir o seu caminho transmigratório. Quando é necessário, temos que matar o espírito através de certos rituais em que os levamos a encarnar num pequeno boneco de palha que depois destruimos através do fogo. Esses espíritos são também destruídos, é a morte além da morte".

"Posso contar-lhe um caso recente", adiantou, solícito, "Há muito pouco tempo tive um caso, duma rapariga de 20 anos que há um mês que não saía de casa, sempre a chorar, sempre a fazer distúrbios, a comer lixo... Quando entrei na casa dela ela escondeu-se imediatamente, e quando lhe impus o selo o espírito revelou-se como um aborto que a mãe tinha feito e que se sentia muito só e queria a companhia da irmã. Expliquei-lhe que não podia fazer isto, enfim, tentei negociar com ele, mas ele não queria sair e fez a irmã subir ao terraço para se suicidar. Conseguimos parar e depois de mais alguns papéis ele acedeu em vir comigo, então selei o Tim Leng Coi (a tampa do céu) para o

caso não se repetir."

Mostrou-me o pequeno caixão onde guardava esse espírito. Foi buscá-lo ao altar, fazendo a vénia, mas, tendo o cuidado de tocar um sino especial para que "a ordem se mantivesse sem sobressaltos". De dentro do caixão, cuidadosamente, retirou um minúsculo osso com alguns caracteres pintados: "Isto é o meu sangue, para que isto se consiga fazer, preciso escrever o nome dele com o meu sangue". Explicou-me depois que o osso devia ser de uma criança com menos de 6 anos e morta por acidente, "é difícil arranjá-los, este veio da Malásia, quer em Macau, quer em Hong Kong é proibido, por isso temos de os mandar vir de longe".

Colocou o caixão de novo no altar e mostrou-me outros: "tenho vários, estou a educá-los até crescerem e poderem seguir o seu caminho natural - a reencarnação, até lá eles ajudam-me nos meus trabalhos santos."

Transpusémos de novo a discreta porta e regressámos à loja de centro comercial. Sempre bem disposto, aconselhou o fotógrafo a separar as sobranceiras, repetindo várias vezes: "pode acreditar, assim só lhe trazem problemas, deve cortar essa parte que as une!"

E regressámos ao mundo onde se duvida de tudo.

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Onde está a minha família?

Nasceu em Macau mas foi vendida para Cantão. Desde que se conhece que tenta reencontrar a sua família, mas até agora, sempre em vão. O Jornal Novo foi ver os pontos que esta senhora referencia, mas não houve, até agora, nenhuma pista que desse resultados. Porém, as cartas de cidadãos da República popular da China procurando os seus familiares começam a chover nos jornais de Macau.

"Chamo-me Liu Pin Hua e nasci em Macau em 1927, porém, em 1941 fui enganosamente vendida para Cantão"... começa assim uma das muitas cartas que cidadãos da República popular da China enviam aos jornais de Macau.

A sr[[ordfeminine]] Liu tem agora 67 anos e, segundo o seu testemunho, já enviou mais de 500 cartas para os jornais de Macau e Hong Kong, assim como para a Cruz Vermelha, tentando encontrara quem a ajude. Mas nenhuma resposta chegou até ela. "As caras e vozes da minha família não deixam a minha memória", continua a sr [[ordfeminine]] Liu "lembro-me que quando era pequena a minha família morava na Areia Preta, mas, depois, mudámo-nos para perto do Jardim Camões. Nessa altura o meu avô abriu um cabeleireiro na Estrada do Repouso e o meu pai trabalhava na companhia de abastecimento de electricidade e eu trabalhei numa companhia que fazia espirais para os mosquitos. Não sei a origem dos meus antepassados, mas lembro-me de um tio falar sempre com o meu pai em regressar a Zhogshan..."

A reportagem do Jornal Novo deslocou-se à pequena travessa que a sr[[ordfeminine]] Liu indicava para tentar averiguar a possibilidade de encontrar informações sobre este caso, mas, em conversa com uma residente, apurámos que os edifícios aí existentes têm cinco ou seis anos, tendo as pessoas que viviam nas casas que aí existiram mudado para um qualquer outro local.

Tentámos ainda falar com vários barbeiros da zona da Estrada do Repouso e que, quando lhes falávamos de um estabelecimento que existira naquela zona há 50 anos atrás, nos diziam, invariavelmente que nessa altura ainda nem estavam em Macau. A resposta mais próxima foi a de um idoso médico de medicina tradicional chinesa, com consultório montado numa farmácia e que se lembrava desse cabeleireiro... mas não sabia bem onde e muito menos dos seus donos.

A própria sr[[ordfeminine]] Liu afirma na sua carta que "toda a gente me diz que em

Macau é muito frequente as pessoas mudarem de casa e mesmo de emigrarem para outros países..."

Mas não é só a sr[[ordfeminine]] Liu que tem este problema, diariamente se encontram estes tipos de cartas nas páginas da imprensa chinesa local: "fui estudar para a China e nunca mais pude regressar a Macau, desde essa altura que procuro a minha família", pode-se ler num outro anúncio.

"Em 1934 fui cumprir o serviço militar", diz um outro anúncio, "em 1948 escrevi para a minha família informando-a de que iria partir para Taiwan... Se alguém souber do paradeiro do meu irmão mais velho..."

São as cicatrizes das grandes convulsões que todo o Sudeste Asiático atravessou a meio deste século. Tal como um grande terramoto, ainda hoje se fazem sentir as ondas do choque, entre as pessoas que nessa altura ficaram entre a China, Taiwan, Hong Kong ou Macau e que apenas agora começam a ter oportunidade de algum contacto.

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Medo na comunidade filipina

Recrutadores ilegais contra-atacam

No último dia seis o Jornal Novo publicava um artigo sobre o problema dos recrutadores ilegais a operarem nas Filipinas bem como os graves problemas humanos que advinham da sua actividade. Incluso no artigo publicámos também uma fotografia dum homem acusado de ser um recrutador ilegal. Ei-lo que regressa para ameaçar aquela que, corajosamente o denunciou, tentando proteger as vítimas daquela actividade.

O Jornal Novo tem acompanhado o problema dos recrutadores ilegais que, utilizando a ausência de relações diplomáticas entre Portugal e as Filipinas, oferecem a miragem de um emprego bem remunerado aos seus compatriotas, trazendo-os até Macau, onde os abandonam à dura realidade dum visto turístico que termina ao fim de uns poucos dias, remetendo-os, de regresso à sua pátria ainda mais pobres do que estavam.

Provavelmente esta história nem saíria das conversas, fechadas, se não existisse uma mulher corajosa no meio. Esta mulher, trabalhadora da Caritas de Macau e que devido à sua profissão foi encontrando inúmeras vítimas desta actividade criminosa. Felomina Reyrozo, além de contactar as autoridades, falou também com o Jornal Novo, a quem denunciou um daqueles que se entrega a este "ofício", fornecendo a fotografia e a identidade deste filipino, Rolando Pariñas de seu nome, dado que, estando ausente do Território em viagem pelas Filipinas e, ao que Felomina presumia, angariando mais vítimas, se pudesse desta forma cortar o mal pela raiz, que é como quem diz, se indagasse sobre as suas actividades logo no momento da sua entrada em Macau.

Porém, a verdade é que este homem, não só já conseguiu regressar ao Território, como está em campo para, segundo os seus colegas afirmaram a Felomina "caçar aquela que anda a fazer isto".

O Jornal Novo, que acompanha o caso desde o primeiro momento, vem apresentar mais provas sobre este assunto, desta vez um recibo, passado por Rolando a uma das suas vítimas. Neste recibo, com a sua assinatura, atesta que recebeu 200,00 dólares de uma sua vítima, Vilma S. Astor, no que constituía parte do pagamento devido à sua colocação em Macau.

Tal com todas as outras vítimas deste logro, Vilma S. Astor, descobriu, após a sua

chegada a Macau, que não havia emprego, nem alguém que servisse de seu fiador ou contratador legal.

Vilma foi contactada nas Filipinas pela mãe de Rolando, uma outra personagem difícil de identificar pois à sua disposição estão três passaportes cujos nomes, Anita Pariña, ou Julieta Parina, ou ainda Anita Flores, são mais uma forma de encobrir as suas reais actividades. Acreditando na história que a família Pariñas lhe contou, acabou por pagar a soma exigida e vir para macau, pensava ela, trabalhar.

Rolando Pariñas, chefe de mesa dum dos mais prestigiados hotéis de Macau, ao regressar, descobriu que, não só o seu negócio tinha sido denunciado publicamente nas páginas do nosso jornal, como alguém havia telefonado para a secção de pessoal do seu hotel denunciando igualmente as suas actividades.

Na edição do Jornal Novo de seis de Janeiro havíamos já chamado a atenção para as ameaças que Felomina Reyrozo recebera. Pois bem, neste momento o perigo é maior que nunca, Rolando Pariña sente o seu negócio a chegar ao fim, Felomina ajuda as suas vítimas, uma delas, que deseja ver o seu dinheiro de volta, não se contenta com isso, não quer que outras pessoas passem pela mesma situação que ela passou, para o que, além de apresentar queixa nas Filipinas contra esta família, tem também este assunto entregue nas autoridades de Macau.

Agora tudo está suspenso, já que Rolando conseguiu regressar a Macau, o que parece denotar uma certa falta de atenção das autoridades, se bem que, convenhamos, não é muito difícil seguir o exemplo da mãe e entrar no Território com um outro nome no passaporte.

Vilma, que se mantém no Território, está, digamos, escondida, enquanto Felomina, que apesar de corajosa não é inconsciente, pergunta a si própria se a justiça irá mesmo funcionar ou se, pelo contrário, o poder do dinheiro ilícito é mais forte do que tudo o mais. Seja como fôr, não hesita em afirmar: "posso apresentar mais duas ou três testemunhas que corroboram nesta denúncia da actividades desta família!"

Seja como for, pelo menos este jornal, continuará atento na denúncia deste e doutros casos, cumprindo o seu papel na informação do público, trazendo ao conhecimento de todos as situações que alguns bem gostariam de manter escondidas.



Funcionária da Caritas ameaçada de morte

Dos oito mil filipinos que se calcula estarem a viver em Macau cerca de metade terão vindo com a miragem de um emprego à sua espera. Para poderem ter acesso a uma vida melhor pagaram para vir e quem recebeu esse dinheiro, os chamados "recrutadores ilegais", enriquecem a troco da miséria dos outros.

Felomina Reyroso fala-nos no seu austero escritório, na sede da Caritas Macau, não está minimamente assustada, "não podemos ter medo desta gente, temos que pensar no sofrimento que infligem a tantos e tantos filipinos que chegam a Macau e são abandonados sem emprego, nem dinheiro".

Na última vez que o Jornal Novo falou com Felomina, (em 29/11/93), ela já havia afirmado a sua vontade de combater este crime que consiste numa burla que vem desde as Filipinas ao Território. Nessa altura, como agora, afirmava a sua coragem para afrontar este problema e, principalmente, aqueles que o geram. Está agora, cada vez mais, consciente das dimensões do problema: "O número dos recrutadores ilegais é já impressionante, porém, apesar de serem tantos, temos dados que nos permitem afirmar pertencerem a uma única organização".

Outras filipinas, também no escritório, não escondem o seu pesar pis, tal como Felomina, presenciam, no dia a dia da Caritas, os seus compatriotas em busca de auxílio.

"Desde Novembro já recebemos cerca de 250 pessoas", adianta Felomina o que constitui um número impressionante em apenas dois meses, numa média superior a quatro pessoas por dia.

Com estes números, a "arte" de burlar pessoas e trazê-las até ao Território tornou-se numa actividade muito lucrativa e que, naturalmente, não vê com bons olhos a denúncia corajosa de Felomina.

"Cerca de uma semana depois do artigo do Jornal Novo ser publicado, ao chegar ao meu escritório, deparei-me com um papel dobrado em quatro sobre a minha secretária e com o meu nome escrito por fora. Ao abri-lo, pude ler, em Tagalog as únicas duas linhas que tinha escritas: Ou deixas de fazer problemas ou então...

"Não foram estas as únicas ameaças que recebi, mas foi a única escrita, as outras foram

ao telefone e mesmo pessoalmente, aqui neste mesmo escritório", conta depois a história, "um homem veio aqui pedir ajuda, tal como outros cá vêm com o mesmo objectivo, porém depois de me dizer que já estava há mais de uma ano em Macau, o que não é comum, comecei a desconfiar e lembrei-me que alguém já me tinha dado o seu nome como recrutador e não como vítima, tal como ele se apresentava. Resolvi então pedir-lhe para ir comigo apresentar queixa às autoridades e foi então que ele se levantou e me disse que era melhor eu não continuar a fazer disparates, mas antes de sair ainda me avisou: já tenho a tua fotografia na minha cabeça..."

Estavam todos em silêncio ouvindo-a falar enquanto esperavam a chegada do marido dum das senhoras presentes, pois no fim da tarde Felomina deslocar-se-ia à China acompanhando-os para renovar o seu visto. Felomina adianta então que "mesmo dentro da Caritas já houve quem me aconselhasse, dizendo que sabiam todos os meus passos..." acrescenta de seguida que "o que me preocupa mais é que neste momento sabemos que estão a usar o nome da Caritas fazendo crer que esta organização tem empregos à disposição em Macau. Como imaginam isto é horrível e causa embaraços não só à organização como a mim própria..."

O braço de ferro entre aqueles que fazem da miséria dos outros o seu (chorudo) negócio e aqueles que ajudam as vítimas desse negócio já começou. Felomina não quer adiantar pormenores sobre as acções que terá iniciado, mas, demonstrando a sua determinação em acabar com este tráfico humano, forneceu uma fotografia dum dos recrutadores ilegais que "segundo as nossas informações, está neste momento nas Filipinas desenvolvendo o seu negócio revoltante, esperando-se o seu regresso a Macau, decerto com mais vítimas. Esta mesma fotografia será, hoje ainda, entregue às autoridades policiais, numa tentativa de evitar a sua entrada no Território e, principalmente, a continuidade da sua nefasta actividade".

Este é, segundo esta funcionária da Caritas, o maior problema da comunidade filipina em Macau, mas há também outros como o da prostituição: "nestes casos os recrutadores têm outra estratégia, nas Filipinas falam de um emprego como empregada de mesa ou doméstica, mas, à chegada ao Território ficam sem documentos, sendo-lhes vedada qualquer possibilidade de fuga, além disso, mesmo no local onde habitam, os seus movimentos são controlados... já temos tido pedidos de algumas delas na tentativa de encontrar empregos honestos, mas neste momento a quota da Caritas está completamente esgotada, já não podemos oferecer mais trabalho a ninguém".

Sem empregos para oferecer, com uma lista de espera que ronda as oito centenas e com uma ofensiva dos recrutadores ilegais que parece querer minar a própria credibilidade desta corajosa mulher, nem mesmo assim Felomina perde o ânimo: "digo-lhe o que

digo a todas as vítimas deles, é preciso não ter medo, denunciar estes criminosos à polícia de forma serem presos em Macau e depois, nas Filipinas, responderem pelos seus crimes, pois no meu país já estão, igualmente, a decorrer vários processos-crime contra estas pessoas. É preciso não desanimar, nem ceder à arma mais poderosa destes criminosos: o medo."

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Nova associação filipina em Macau

"Queremos denunciar os recrutadores ilegais"

Constituída há apenas dois dias, a "Filipino Migrant Workers Cooperative Services Inc." aproveitou a vinda a Macau das entidades consulares filipinas para lhes fazer a sua apresentação formal. Porém o trabalho de constituição já é anterior tendo com principal apoiante a Caritas.

"A comunidade filipina em Macau tem vários problemas, aos quais a Caritas tem dado o apoio possível, porém, a instituição de uma associação deste tipo era extremamente necessária". Palavras de Felomina Reyrozo, que durante os últimos meses tem organizado, da parte da Caritas, a concretização desta estrutura associativa.

"Além da Caritas", continuou Felomina, "estão a apoiar fortemente esta associação quer as entidades consulares, cuja Cônsul-Geral, Ofelia Castaño, esteve presente na sessão inaugural, quer a "Overseas Workers Welfare Administration", o organismo governamental criado para o acompanhamento dos filipinos a trabalhar fora do país".

maus tratos

e espancamentos

Até agora a trabalhar no apoio e esclarecimento dos filipinos a trabalhar no Território dentro da organização da Caritas, Felomina Reyrozo falou-nos dos sete casos que, apenas desde Outubro, teve conhecimento directo: "há casos de espancamentos e maus tratos, o que penso se deve à falta de esclarecimento quer do empregado, quer do empregador. Na realidade, se os empregadores não estiverem satisfeitos com a sua empregada, não têm mais do que despedi-la. Talvez não saibam que podem cancelar o "cartão azul" a qualquer momento..." Instada pelo Jornal Novo a ser mais específica quanto a estes casos, Filomena Reyroso adiantou que "há casos quer de chineses quer de portugueses, porém, não é este o grande problema que nos aflige, trata-se de situações pontuais que julgamos se poderem resolver com relativa facilidade e, sobretudo com uma maior informação dos pormenores contratuais".

A nova organização espera a breve prazo poder contar com um albergue para apoiar aqueles que se encontram em situações mais desesperadas, além da manutenção de

serviços de assistência financeira e legal. "Estes serviços são principalmente necessários para os casos dos trabalhadores ilegalmente recrutados nas Filipinas e que chegados a Hong Kong, ou já em Macau, são abandonados à sua sorte, sem dinheiro nem qualquer outra forma de subsistir, pois, apenas estão munidos de um visto turístico. Esta é a nossa grande prioridade, a nossa grande preocupação do momento".

recrutadores ilegais

Este processo é uma forma fraudulenta de, nas Filipinas, serem cobradas "entre 40 a 50 mil pesos (cerca de 13 a 16 mil patacas), com a promessa de um emprego à chegada a Macau. Em alguns casos, logo à saída do aeroporto de Hong Kong, o contacto pede-lhes para esperarem pelo carro, e ali ficam até se esgotar a paciência e compreenderem que foram realmente vítimas de uma burla, noutros casos, ao chegarem a Macau são alojados num apartamento, que têm de pagar, enquanto são avisados de que a confirmação do seu emprego apenas poderá ser feita no dia seguinte, depois no outro e assim sucessivamente até o dinheiro para o apartamento se acabar e serem postos na rua, já sem dinheiro, nem outra hipótese senão regressar às Filipinas. Porém, a devolução do dinheiro que foi pago antes de embarcar, nunca se efectua".

Infelizmente estes casos não são poucos, "segundo os números de que dispomos, estarão neste momento em Macau cerca de sete mil filipinos, dos quais 30% foram recrutados ilegalmente."

Falando longa e sentidamente sobre este problema dos seus compatriotas, não poupa críticas a alguns patrícios que se prestam desta forma a explorar outros. Fala das dificuldades que certas pessoas criam para pagar aquelas somas, dívidas, empréstimos e outros tipos de responsabilidades que se pensava assumir com os salários a auferir em Macau, mas que rapidamente se descobrem como impossíveis de resgatar.

"Esta situação só é possível por não existirem relações diplomáticas entre as Filipinas e Portugal, que, caso existissem, viriam resolver o problema, pois as pessoas só saíam do seu país com o contrato devidamente legalizado."

Contudo, se estes casos são facilmente detectados, pois as pessoas em causa vêm pedir ajuda, a actuação sobre os responsáveis já não é tão fácil. "Há diversas agências nas Filipinas, que não posso agora nomear pois estão a ser vigiadas pelas autoridades, mas que se sabe serem responsáveis por casos destes; o problema são as ameaças feitas quer sobre os emigrantes quer sobre as suas famílias que permaneceram nas Filipinas, é por esta razão que não há casos claros de denúncias".

Felomina está consciente que se vai atravessar no caminho de interesses poderosos, mas não se detém: "alguém tem de tomar uma atitude, principalmente para quem é confrontado com estes casos humanos, não é possível permanecer de braços cruzados".

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

O outro General de Macau

Chegou a Macau no dia de S. João de 1946 para cumprir o seu serviço militar e não mais a deixar. Conhecido pelos seus imponentes bigodes, que passeia garbosamente pelas ruas da cidade montado na sua motocicleta, além do seu trabalho de agente policial fez de tudo, desde criar porcos, cabras e galinhas, até filmes de Hong Kong.

Veio no navio Lourenço Marques, movido a carvão, o que não lhe agradou sobremaneira, "sujava tudo", comenta. "Macau nesses tempos parecia uma autêntica cascata de S. João, era muito bonita, a zona da Praia Grande era toda em poças, havia aí uns cafés que vendiam bebidas, à noite, com as luzes reflectidas na água bem parecia um arraial... naquele tempo toda aquela zona estava com água, só onde é hoje a pelota basca é que havia os hangares dos hidro-aviões, que transportavam ouro de Hong Kong para Macau, ouro e passageiros, claro, eles aterravam na água, mas depois vinham para ali..."

O General tem agora 69 anos de idade, é reformado da PSP, apesar de continuar a ir todas as tardes à Esquadra 2, perto do Bairro da Areia Preta, onde tem a sua horta, cultivada com esmero, como só as mãos do norte lusitano sabem fazer. Uma horta, uma águia e outros dois passarões e um "regimento" de 13 pessoas com problemas mentais.

"Quando cá cheguei havia pouco mais de uma centena de portugueses da metrópole, que eram na sua maioria militares, a cidade era calma, apesar de haver alguns crimes, não havia Judiciária, era a PSP que tratava de tudo... lembro-me de haver muitos suicídios, por causa das dívidas de jogo, ainda não havia a STDM, mas já havia estes problemas, lembro-me de estar uma vez de ronda na Almeida Ribeiro e cair uma rapariga que se atirou da janela do Grande Hotel, depois de perder tudo, e outra vez foi um homem, mas no Hotel Central, que caiu em cima de um triciclo... acho que foi depois desse caso que resolveram vedar as varandas..."

Francisco de Sá Fernandes Azevedo, nascido em Sto. Tirso, afirma ninguém o conhecer pelo seu verdadeiro nome, explicando: "apanhei esta alcunha ainda nem tinha entrado para a polícia, estava a cumprir o serviço militar, sabem, eu sempre tive um grande orgulho na farda que usava, quer a militar, quer depois a da polícia, então, antigamente, quando os soldados se preparavam para sair do quartel, tinham que passar a uma revista, para não se sair vestido de qualquer maneira, nessa revista, os superiores chamavam-me sempre para fora da forma, de maneira a que todos me pudessem ver e

seguir o meu exemplo, diziam, a brincar: "até parece um general!" e nunca mais me deixou a alcinha.

Casou com uma chinesa de Macau em 1950, quatro anos após a sua chegada: "eu costumava ir para o Jardim de S. Francisco, gostava muito de andar de bicicleta e, um dia, encontrei aquela que viria a ser a minha mulher, que estava a tentar aprender a andar de bicicleta, ensinei-a e... olhem, acabámos por casar!"

"Nunca deixei de trabalhar, nem eu nem a minha mulher, mas também nunca fiquei rico, que terra esta...", desabafa para depois acrescentar: "desde criar porcos e cabras num terreno do Porto Exterior, que na altura não era nada, comprei lá uma barraca e depois fiz mais uma e instalei-me ali, foi nessa altura que vi que os mouros também tinham cabras e dediquei-me a criar cabras, cheguei a ter mais de 30... os porcos foi para aproveitar os restos da comida, é que quando fui a Portugal gozar a minha primeira licença, a minha mulher aprendeu a cozinhar com as minhas irmãs e, depois de regressarmos, começámos a vender comida para fora e os restos, sempre se aproveitavam para os porcos... mas era uma chatice com o cheiro... desfiz-me destes animais e comecei a criar galinhas e patos, vendia ovos, mas não era para estrelar, era para vender a um aviário que tinha uma incubadora... mas depois veio o 1, 2, 3 e acabei por me desfazer de tudo, incluindo o terreno... se soubesse ao preço a que aquilo foi depois vendido, não tinha dado aquilo como dei..."

A famosa semana do 1, 2, 3, foi um tempo de crise de que, infelizmente não há muita informação, a publicação que o jornal Ou Mun editou, desapareceu imediatamente de circulação, sem voltar a ser editada, mas as recordações, essas, nunca mais se esquecem: "foi uma coisa indescritível, começou tudo com uma escola da Taipa, e depois foi um conflito que creceu e cresceu sem mais parar até o Governador que chegou nessa altura ir assinar as desculpas à Associação Comercial, nesse dia parecia o ano novo chinês, era panchões e foguetório que nunca mais acabava... foram dias de muita tensão, com manifestações diárias, tínhamos as ilhas da Lapa e S. João cheias de miúdos das escolas com bandeiras e faixas, pessoas a manifestarem-se dentro de Macau e em todo o redor... já não se vendia nada aos portugueses, foram tempos de medo, mas não para mim, venderam-me sempre os víveres, já nessa altura era eu que tratava do campo 28 de Maio, a que agora chamam o Canídro, por isso eu estava sempre em muito boas relações com as escolas que me contactavam a mim para fazer as marcações do campo para as provas e os jogos... aliás, ainda agora me pedem, quando há provas de atletismo, para ir à frente da rapaziada, na minha mota, não é por nada, é só simbólico, gostam daquilo e eu lá vou!"

"Mas não foi só o 1, 2, 3... houve também problemas na fronteira, em que morreram

muitas pessoas... primeiro mataram uma sentinela nossa, depois, quando dispararam de novo, já estávamos preparados e houve tiroteio a sério... até se começarem a fazer negociações para parar aquilo foi um caso sério, todos os dias havia tiros..."

Colocado perante a data de 1999, afirma de imediato regressar a Portugal: "A minha mulher gosta daquilo, olhe, desde a primeira vez que lá foi que se apaixonou por cerejas, adora comer cerejas, da segunda vez, quando íamos ao Gabinete de Macau, até me desapareceu para voltar com um saco cheio delas! Ela sabe falar português e ler e consegue escrever um pouco também..."

Todos os dias vai tratar da horta e de cerca de 13 pessoas que foram enviados pelo centro de recuperação da Taipa: "eles têm problemas mentais, mas podem trabalhar e aqui sempre estão ocupados, comem melhor, têm uma vida mais saudável do que se estivessem lá... mas só eu é que parece que sei lidar com eles, se bem que às vezes... já fui parar ao hospital, com uma coisa que deu na cabeça de um deles, mas depois do tratamento voltou para aqui, não guardei ressentimentos, estas coisas são assim... as próprias famílias me pedem para ficar com eles, em casa ficam agressivos e aqui... olhe, olhe para a horta, é obra deles... e minha, claro."

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Clube Hac Ieng

Ópera chinesa e futebol

Filhos de famílias ricas, casaram duas paixões, ele o futebol, ela a ópera chinesa. Foi assim que apareceu, em 1945, o Hac Ieng, actualmente sediado na Rua da Felicidade. Agora que ambas as fortunas foram gastas ao longo destes anos de actividades desportivas e culturais, o clube vive das doações dos sócios, do Leal Senado e do ICM.

Instalado num primeiro andar dum velho edifício no bazar chinês, ao acabarem as íngremes escadas de madeira entra-se numa sala pequena demais para uma orquestra de dez instrumentos e um pequeno palco para os cantores. Vários instrumentos tradicionais chineses estão pendurados nas paredes, intercalados por bandeiras e estandartes, no tecto, várias luzes dão uma tonalidade festiva ao ensaio.

Todos os pensamentos são, porém, interrompidos quando Chan Lei Kong, "o trovão", irrompe nas percursões.

Foi esta forma intempestiva que lhe valeu o cognome, famoso em todo o rio das pérolas, quer nos instrumentos de percussão da ópera chinesa, quer nos campos de futebol.

Toda a direcção do clube é unânime em não deixar "o trovão" falar de futebol e, no fundo, ressentem-se do dinheiro que ele gastou na equipa. Mas, quando interpelamos a mulher, Lo Yen Hong, todos são unânimes quando afirmam, num assomo de riso, "ela é igual - ou pior".

À mínima oportunidade "o trovão" desvia a conversa para o futebol. As suas alegrias ficaram nos campos de jogos. Agora, com a bonita idade de 77 anos, reformado da CTM, ficou mais ligado ao clube, apesar de ter também aí preparado a sua substituição por uma nova geração de líderes que continuem as actividades do clube quando a idade do casal fundador já não lhes permitir semelhantes esforços.

A orquestra de cerca de dez elementos continua então a tocar o repertório que será apresentado, ainda este mês, em Hong Kong. No pequeno palco, quase uma varanda, com grades de madeira decorada com Hera de plástico, as cantoras ensaiam uma das árias. São também parte da nova direcção, e cantam papéis femininos, ao contrário da

esposa do "trovão" que representa papéis masculinos. "Antigamente estas personagens masculinas interpretadas por mulheres eram muito famosas e a sr[[ordfeminine]] Lo foi uma cantora muito famosa, toda a gente a conhecia, de Cantão a Hong Kong era disputada para cantar", a Sr[[ordfeminine]] Shi, também parte da nova geração da direcção actual, continua: "o talento dela passou para a filha, ela também canta num hotel da cidade, mas dedica-se mais à música de Hong Kong, no estilo do karaoke."

Também parte da orquestra podia-se reconhecer o músico de banjo que antigamente animava os vários restaurantes do bazar, os restaurantes que a comunidade portuguesa melhor conhece pelas famosas sopas de cobra, o que deixou de fazer devido à idade, que já não lhe permite noites cantando em pé para diversas mesas, cada uma as suas canções.

A Sr[[ordfeminine]] Lo explica que "agora há mais de 32 associações dedicadas à ópera chinesa, muitas dirigidas por alunos seus, tudo muito diferente de antigamente, quando não era sequer necessário alugar fatos para os espectáculos, as pessoas queriam era ouvir a música".

São todos unânimes quanto à situação actual. "Não há menos espectadores, muito pelo contrário, houve uma altura em que os jovens se distanciaram muito da ópera chinesa, mas neste momento isso já passou, temos tido muitos jovens nos nossos espectáculos."

O Sr. Chan, regressado da sua longa e complicada panóplia de instrumentos de percussão, vem já a falar de futebol, das deslocações a Hong Kong e à China, no tempo em que ir à China era só meter-se a caminho, sem fronteiras. Todos os membros da direcção se riem e mandam-no calar sem contemplos: "agora é a ópera chinesa Trovão, deixa lá o futebol". Chan aceita, com um sorriso que lhe fecha os olhos por detrás das lentes grossas dos óculos, vira a cara demonstrando que, mesmo que não fale, é no futebol que pensa.

Quem continua é Ivone Yu, directora das finanças do clube, mulher descrita por todos os outros membros como "excelente a fazer dinheiro".

"Fazer um espectáculo é agora muito caro, temos que pagar aos músicos pelo espectáculo e, claro, temos também de lhes pagar pelos ensaios. Temos conseguido arranjar dinheiro através dos directores honorários, que contribuem financeiramente para o clube, também o governo nos dá pequenas ajudas..."

Todos gostavam de ver melhores tempos à frente, o "trovão" começa a falar sobre melhores instalações, adiantando, "conforme temos dinheiro alugamos a sede, quando

há muito a sede é grande, quando há pouco é pequena, como esta em que estamos há cinco anos".

À saída, com tanta alegria por serem visitados e, sobretudo, notados, toda a direcção e músicos aplaudem a reportagem do JORNAL NOVO. De volta às íngremes escadas de madeira sai-se com o coração apertado pelo quanto se trabalha para se manterem vivas as paixões.

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

A vingança dos consumidores

Num mundo onde a ditadura das marcas obriga os compradores a pagar a peso de ouro uma etiqueta, o Sudoeste Asiático prega partidas de milhões de dólares às grandes marcas e quem se fica a rir são aqueles que não aceitam o novoriquismo e procuram alternativas para atingir os mesmos objetivos.

Numa terra onde as tendinhas oferecem um leque de artigos tão variado e diverso, ainda há pessoas que procuram, de sua livre vontade, submeter-se ao comércio das marcas produzidas pelas grandes multinacionais.

Muitos defendem que não é a mesma coisa, que os verdadeiros artigos da marca em questão são profundamente diferentes em questão de qualidade. Terão razão em muitas circunstâncias, porém, também não deixa de ser verdade que as referidas multinacionais já não fazem os seus artigos nas suas fábricas com que, afinal, granjearam a fama que lhes permite, agora, ditarem os preços que muito bem entendem. Na verdade, estes artigos são feitos, segundo indicações suas, um pouco por todo o mundo, em fábricas que produzem, em exclusivo para eles e muitas vezes sobre severas proibições de as venderem nos países onde estão implantadas.

Este é o caso, muito vulgar em diversos países desta região, só não sabendo quem não presta atenção às informações das etiquetas, nomeadamente aquelas que revelam o local onde os artigos foram realmente produzidos. Quem é que não ouviu já falar sobre alguém que traz um presente dum país estrangeiro e acaba por descobrir que, na realidade, ele foi feito aqui em Macau?

Ora não é preciso andar muito para descobrir lojas que tratam, eficientemente desta (des)mitificação, aliás, como as fotografias bem exemplificam.

Uma loja repleta de gangas, calças, blusões, camisas ou jardineiras, onde o cliente escolhe aquilo que quer segundo os critérios ou as necessidades. Pode experimentar a qualidade do material, o estilo, a cor...

Depois desta escolha, que não é fácil dadas as quantidades e a diversidade que esta loja possui, chega a vez das provas, muito mais práticas e viradas para o cliente do que as boutiques da moda, servidas por enfatuadas meninas, mais interessadas na maquilhagem do que em servir aqueles que, no fundo, lhes pagam o salário.

Imediatamente depois de provar, por exemplo, as calças que lhes convém, vem, de imediato, a altura das bainhas, ou qualquer outra alteração feita à frente do cliente em coisa de um ou dois minutos.

Mas não acabou, de seguida pode ainda escolher a marca da sua preferência! Mesmo à sua frente são expostas várias targetas com as marcas da moda, permitindo assim uma escolha mais diversificada.

A família que gere esta loja escolheu este negócio depois de ter aberto uma loja de pronto a vestir "normal", mas, também os comerciantes não se dão muito bem com as margens de lucro que as multinacionais lhes deixam. "Decidimos abrir este tipo de loja, mas isto não tem nada de original, há dezenas de estabelecimentos como este..."

Os donos da loja, um casal de meia idade cujos nomes, naturalmente, não iremos revelar, assim como a localização da loja, são uma família típica quem nem sequer falta o filho de três anos e meio brincando por entre os fardos de calças e camisas. Quando lhes falamos dos perigos que estas imitações lhes poderão trazer, mostram-se espantados e afirmam: "porquê? não somos nós que fazemos isto, são as fábricas que produzem isto."

No fundo a existência destas lojas acaba por colocar a situação dentro dos parâmetros que deviam de ter, fora do extraordinário poder da publicidade, a qual somos nós, os compradores que iremos pagar, pois está incluída no preço, porém, como dizíamos, assim a escolha vem cair na realidade dos artigos que se pretendem comprar e não nas etiquetas.

Claro que há o problema da autoria, sendo neste campo que se situam as principais razões de injustiça. Porém, não têm sido os reais criadores que têm movido as instâncias do comércio e mesmo da diplomacia internacional, na verdade, os grandes lesados são as companhias que pagam, a bom preço, os novos modelos pois estão seguros de manterem esses modelos bem controlados sob o seu poder. Contudo, ao procurarem maximizar os seus lucros produzindo em países de mão de obra barata, expõe-se ao "terrorismo comercial", na sua concepção, ou, se assim o desejarem, aos "bons bandidos" que roubam às ricas internacionais para oferecerem às magras bolsas dos pobres...

Leprosaria de Ka Ho

ecos do passado

O guia é o padre Nicosia que fala dos tempos em que os leprosos geravam um misto de terror e prosseguiam a sua vida com o anátema que a sociedade lhes impunha.

Estava uma tarde chuvosa que fazia do actual lar de idosos de Ka Ho um lugar triste entre terminais de combustíveis, cimento e contentores. Os ecos da leprosaria parecem manter-se nos edifícios, nas árvores, nas estradas... Pudera, tudo foi construído por eles.

O padre Nicosia, falando uma língua franca entre o italiano, o português, o inglês ou o chinês, é, muito claro na sua mensagem final: se você disser que eu fiz aqui alguma coisa de importante, será uma coisa muita feia. Aqui está um exemplo de uma coisa de que os portugueses se devem orgulhar. O governo português, com ajudas, é certo, acabou com a lepra em Macau, construiu uma leprosaria no sítio mais bonito desta colónia. Isto são razões de orgulho para eles, não para mim que apenas fui o capelão.

Coladas nas páginas pares dum velho e volumoso livro de doutrinação estão antiquíssimas fotografias, já comidas pela humidade e o calor. Aqui uma fotografia do governador Nobre de Carvalho, "costumava visitar a leprosaria pelo menos uma vez por ano", ali uma fotografia de senhoras de lenço na cabeça, "sim, são da obra das mães, que sempre nos ajudaram, acolá um grupo de leprosos que construía a estrada, a igreja, cuidava das hortas, dos porcos, galinhas ou pombos, construía um aviário de patos...

"Vinham para cá enviados pelo Hospital Conde de S. Januário, que, ao detectar a doença os mandava para a leprosaria. E aqui ficavam, uns para ir para o céu, outros, depois de curados, voltavam para a família ou para um outro destino".

Mas outros, marcados pelo anátema, apesar de clinicamente curados e "livres" de voltar à sociedade "normal", nunca mais quizeram saber de outros limites que o da ex-leprosaria.

Hoje denominada de Lar de Idosos, herdou, além das instalações, aqueles que dali não querem sair. "Alguns estão mutilados, perderam dedos ou outras partes do corpo, mas estão completamente curados, têm certificados médicos, já não há micróbio, já não há doença", afirma o padre Nicosia, desejoso de apagar a sentença que a natureza lhes

ditou mas que, hoje em dia, apenas a ignorância poderia manter.

Mas, tal como os edificios parecem não permitir o esquecimento dos dramas humanos a que assistiram, também, as pessoas parecem não conseguir esquecer os momentos porque passaram. "Nunca ninguém fugiu, aliás, havia um medo recíproco..."

O padre Nicosia, hoje com 78 anos, mantém-se capelão do Lar, onde dorme, para se levantar às cinco da manhã para dar missa aos ainda residentes.

"São muito bem tratados", comenta Nicosia, "O IASM tem cozinheiros, empregados, enfermeiros e visitas médicas periódicas".

Este padre que nos assegurou nunca ter tomado precauções especiais no seu quotidiano da gafaria, fala copiosamente sobre a organização dentro daquela comunidade: "Havia dormitórios de homens e de mulheres, ao princípio quase ninguém era católico, mas, pouco a pouco, com a minha doutrinação, apenas quatro não se converteram, o que, aliás, faz parte da sua liberdade de culto e nunca tiveram qualquer problema com isso. Antes do governador Nobre da Costa havia um barco que todas as Segundas-Feiras ía levar comida, depois consegui que esse auxílio fosse dado em dinheiro e começámos nós a produzir comida para nós. Depois também produzíamos mais coisas, tijolos, por exemplo..."

Entretanto conseguiu um donativo do Papa Paulo VI para construír uma nova igreja, que é a actual, bem como um crucifixo igualmente doado por um artista italiano. O desenho da igreja, feito por Oseo Acconci, de cariz mais moderno, mostra-se, altivo, na ponta da minúscula península de Ka Ho, agora rodeada pelo terminal de combustíveis, o silo de cimento e o terminal de contentores, bem diferente das fotografias envelhecidas que o padre Nicosia nos mostrara.

Construída há 99 anos, a leprosaria que antigamente funcionava junto da igreja de S. Lázaro, encontrou a paz da cura. Batida fortemente pelo último tufão, mostrava diversas árvores decepadas, bem como as estradas de acesso em muito mau estado.

Os edifícios, compostos por um bloco na entrada num estilo moderno mas anódino e triste e mais à frente na estrada, num ponto mais alto da colina, uma série de pequenas moradias de estilo mediterrânico, com alpendre e terraço, apresentam-se agora quase todos abandonados. A última edificação deste conjunto é a nova igreja, que também já denota as marcas do tempo, como as fotografias.

Quanto ao padre Nicosia, que chegou ao território em 1963 vindo do norte da China,

está a trabalhar com menores no Colégio D. Luís Versiglia, também em Ka Ho, além da missa matinal no lar, como já referimos.

Abandonamos finalmente a leprosaria/Lar de idosos, sempre sob a chuva e o céu cinzento, numa tarde triste, numa história que, apesar do final feliz da cura da lepra, mesmo as cicatrizes denotam demasiado sofrimento.



© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Quem quer dentes de mamute?

Vem de Vladivostoque e escolheu Macau porque é mais barato e simples do que Hong Kong, onde os súbditos da ex-potência comunista ainda não são muito bem recebidos. Negócio parece ser a palavra chave que o orienta, mas para além dos cifrões está um homem franco e amigável com uma história das... rússias.

Valeri Gorodisky chegou há menos de um ano ao Território. É solteiro e tem 27 anos, é filho de pai polaco e mãe ucraniana. Ficou dividido com a queda do império soviético.

"Não é bem assim", contrapõe, "para os políticos talvez, mas para nós não, afinal passámos a nossa vida todos no mesmo barco e agora sentimo-nos como compatriotas..."

O que nos levou a encontrarmo-nos com Valeri foi o seu comércio de dentes de Mamute. "Ao contrário do que muita gente pensa, a venda de dentes de mamute não está proibida, infelizmente já não é preciso proteger esta espécie porque está extinta há milhares de anos".

Porém, fazer negócio com a ex-URSS não é pera doce: "Há um problema de confiança, ninguém confia em ninguém, além disso há uma grande diferença entre o nosso sistema bancário e o vosso..." começa então a explicar melhor as questões de confiança: "veja o comércio entre os chineses e os russos, é terrível, estão sempre a enganar-se uns aos outros. Por exemplo, os russos compram um carregamento de carne aos chineses, mas através de conhecimentos conseguem que o delegado de saúde emita um certificado dizendo que a carne está estragada. Enviam um fax para o vendedor chinês pondo-o a par da questão e ameaçam deitar tudo fora. Claro que perante a possibilidade de perder toda a mercadoria e o pagamento, é fácil levar o vendedor a baixar os preços abaixo da metade do seu custo real. Por seu lado, os chineses fazem coisas semelhantes, é o diabo para os fazer pagar o que compram, vão dando desculpas, que é feriado nacional, que morreu a filha do patrão, tudo o que podem... Mas eles têm uma coisa muito forte, que é o dinheiro na mão, é frequente ir uma delegação chinesa a uma fábrica e comprar toda a produção a pronto e levá-la, de imediato, para a China".

Mas para Valeri, o grande negócio não é vender produtos da Rússia, mas sim vender produtos a eles: "A ex-União Soviética é um extraordinário mercado, pode-se vender qualquer coisa, é questão de preço e de tempo, vejam o comércio de carros usados

japoneses, está bem que é completamente controlado pelas mafias de Vladivostoque e Nakhodka, mas tornou-se num negócio tão grande que o próprio governo, ao tentar proibir a circulação de carros com volante à direita, perante as greves de marinheiros e outras pressões, teve que anular esta lei passada apenas uma semana".

A vida de Valeri tem um pouco de tudo, além de cozinheiro e pescador, onde se integrou na frota que pesca o famoso carangueijo-rei, um tipo de crustáceo que atinge os três metros de diâmetro e cuja carne, segundo o seu testemunho "faz a lagosta saber a água". Além disso, foi intérprete tradutor, especializando-se em japonês, motivo que o levou aos tentáculos do KGB. "Na antiga URSS, a KGB dominava o sistema por completo, por isso consideravam a aprendizagem de línguas como um serviço de estado, como por exemplo ter uma mota, quem a possuísse era obrigado a declarar o seu veículo aos militares que a poderiam utilizar se dele necessitassem, também isto acontecia com as línguas estrangeiras, o que é compreensível, pois pode-se ensinar a lutar numa semana, mas só ao longo de alguns anos se consegue dominar uma língua. De qualquer forma, fazia parte do meu curso um "estágio de guerra", onde tínhamos que aprender a disparar qualquer tipo de arma, a saltar de para-quedas, enfim, a estar preparado para uma utilização diferente das nossas capacidades".

Valeri não está muito interessado em falar de política: "era muito novo e, talvez por isso, assimilei as transformações do meu país como sendo parte do meu processo de crescimento. As personalidades políticas como Gorbachov... bem, este está politicamente morto, fez o que tinha a fazer, não sei se podia fazer outra coisa, o próprio Boris Ieltsin também está morto, mas não há outro que o possa substituir, mas de qualquer maneira respeito-os".

Quanto à mafia russa de que tanto se fala não hesita em comentar: "nem dez por cento do que se diz está correcto; primeiro a mafia só existe nas grandes cidades com muito dinheiro, Moscovo, S. Petersburgo, Vladivostoque, Nakhodka... depois são ainda muito rudimentares, um pouco ao estilo das mafias americanas dos anos vinte ou trinta..." esta discrepância entre o que o ocidente revela da ex-União Soviética e a realidade aplica-se também a outros quadrantes da vida: "quando num filme há quinze por cento de verdade, então é um filme que pessoalmente já considero correcto, ou melhor, que tentou ser correcto".

Afirma não ter saudades senão da sua casa e de seus pais... "passei a vida a mudar de sítio, vivi na Polónia, na Ucrânia, em Vladivostoque, estou habituado a andar de um lado para o outro..."

Afirma não ter nada a ver com a importação das famosas russas que abalaram Macau

nos últimos anos, "já cá estavam quando eu cheguei, além disso, um contentor de dentes de Mamute dá muito mais lucro que um autocarro de raparigas!" Por outro lado, não precisa de reflectir para desmistificar a história das raparigas que vêm ao engano: "isso não faz sentido! Mesmo que lhes tivessem feito um contrato de empregadas de balcão, ao chegarem aqui e quando lhes propusessem prostituir-se, só aceitavam se quizessem..."

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Médico tradicional chinês:

"Curei o neto de Zhao Zhi Yang"

Chama-se Lee Zhong Yuen, tem 48 anos de idade, é casado e tem dois filhos. Mora às portas de Macau e tem clientes de toda a Asia. Muitos asmáticos portugueses residentes em Macau o têm procurado.

Dr. Lee é extremamente simpático, sempre de franco sorriso, interessado também no correr da entrevista. Ele é o herdeiro dos segredos que o seu pai, Lee Hong Puo, também médico, descobriu, percorrendo os meandros da medicina tradicional chinesa.

Curiosamente o seu pai nascera em Cuba, para onde o seu avô havia emigrado para se estabelecer com um restaurante, que abandonou para regressar à China. É aqui que o pai estuda, completando o curso em Hong Kong, onde chega a exercer medicina durante cerca de três anos. Regressa logo após a tomada do poder pelos comunistas, depois de receber um ultimato, "agora ou nunca".

A fama do pai não deixou de crescer, principalmente graças às suas descobertas no tratamento da asma e de doenças intestinais, o que, se por um lado lhe valeu a amizade e o reconhecimento do povo de Zhuhai, despertou muitas invejas que, mais tarde, durante as convulsões da revolução cultural, o obrigaram a pagar caro a sua fama.

"Foi horrível. Nessa altura eu era muito jovem e sentia-me atraído pelos ideais da guarda vermelha e de todos aqueles movimentos, porém, eu era filho de um médico, o que não me permitia ser aceite com verdadeiro revolucionário, por outro lado, o meu pai obrigava-me a estudar e a acompanhá-lo nas consultas. Depois, principalmente por inveja de outros médicos que não conseguiam ter a fama do meu pai, obrigaram-no a fazer uma retracção pública extremamente vexante, com aquele chapéu que na altura se usava nestas ocasiões, e um letreiro ao pescoço com uma série de palavras de ordem. Mas, no fundo, teve sorte, pois era muito querido por toda a gente e por isso não se atreveram a puxá-lo pelas ruas, como normalmente faziam. Mesmo assim estive circunscrito ao Hospital, de onde não podia sair, numa espécie de prisão domiciliária.

O Dr. Lee tem sete irmãos, mas nenhum outro quiz seguir medicina. Ele, o primogénito, não teve escolha. "tinha que continuar a profissão do meu pai"

Porém os seus filhos não parecem muito interessados em perpetuar a ciência da família. "A minha filha, que é a mais velha, não seguiu medicina, preferiu a área de economia onde pode fazer mais dinheiro, está agora a trabalhar numa empresa de exportação, quanto ao meu filho, ainda não sei o que ele vai fazer, mas não acredito que se venha a dedicar a esta profissão."

a cura da asma

Apesar do Dr. Lee ser ainda um homem novo, seria lamentável se os "segredos" se perdessem. Porém, tal perspectiva não assusta o Dr. Lee, "a medicina está cada vez mais desenvolvida, mais tarde ou mais cedo encontra-se a cura para tudo"

O seu tratamento para a asma consiste nuns fios ociosos, cujo interior está repleto dum certo líquido, o "segredo" da família, e que depois é cosido nas costas do paciente que, naturalmente" o absorvem ao longo de alguns dias.

"O fio é igual a todos os outros, limitamo-nos a comprá-lo, o líquido somos nós que o fazemos. Infelizmente, na China não há a possibilidade de criarmos uma marca, senão talvez considerasse essa possibilidade".

Este tratamento foi descoberto e iniciado pelo seu pai em 1963, granjeando imediatamente grande sucesso junto dos seus doentes. Sucesso que não se conteve na fronteira, chegando a Macau e Hong Kong e daqui para outros países.

"Nessa altura vinha muita gente de Macau, tanta que o meu pai teve medo que viessem a originar problemas, dada a situação política da altura; então decidiu abrir apenas um dia para os visitantes estrangeiros, era às terças-feiras, e nesse dia ele chegava a consultar mais de 100 pessoas. Como referi, isto não lhe poupou os problemas, mas como podem ver, sempre tivemos muitos doentes de Macau. Agora já não às terças, pois trabalho num hospital, mas aos domingos."

Na verdade não são poucas as pessoas de Macau que já consultaram o Dr. Lee, nem são poucos os asmáticos portugueses que experimentaram, uns com mais sucesso que outros, o método dele.

e o filho do Zhao Zhi Yang

"Esse foi um caso muito curioso. Apareceu-me aqui, certa vez, um casal com uma criança com um problema nos intestinos. Já tinham recorrido a vários médicos mas não conseguiam solucionar o problema. Eram pessoas educadas e muito simpáticas, mas

como é meu hábito não faço perguntas sobre as pessoas, nem tenho nada que fazer, eles, por seu lado, também nunca me disseram nada, como também não tinham nada que dizer. Passado algum tempo, a criança começou a melhorar até acabar de todo o problema que tinha. Os pais agradeceram e nunca mais os vi. Passado algum tempo, recebi um convite para me encontrar com Zhao Zhi Yang num hotel de Zhuhai, onde ficara hospedado durante uma visita que estava a efectuar à região. Fiquei muito intrigado, o que queria ele de mim? se fosse os meus préstimos de médico decerto que me diriam logo. De qualquer maneira lá fui e foi só quando o encontrei que soube a história toda. Ele queria agradecer-me ter-lhe curado o neto.

Passou-se isto em Fevereiro de 1989, a escassos meses dos acontecimentos trágicos da Praça Tiananmen.

Parece divertido com a história. Continua a falar de outros seus clientes japoneses, aliás indicados pelo próprio Zhao, que o vieram procurar, bem como muitos outros que se deslocam de Taiwan, Singapura, etc. para o verem.

Trabalha agora no hospital municipal. "Antes de lá trabalhar, este hospital tinha grandes prejuízos, mas agora tem lucro", afirma o dr. Lee. Será decerto devido a essa vontade que agora se presencia na China da "economia de mercado socialista" em rentabilizar todas as áreas da sociedade que terá levado a direcção do hospital a aumentar o salário deste médico para 1.800,00 yuan. "É um óptimo salário, aliás, os meus colegas auferem, em média, 1.200,00 e, se tivermos em conta que quando casei, eu e a minha mulher, juntos, tínhamos um salário de 19,00 yuan..."

Tem perfeita consciência de que caso pudesse exercer em Macau ou Hong Kong faria imenso dinheiro, "já pedi para me deixarem sair, mas nunca consegui autorização. Sei que o hospital Kiang Wu em Macau tem problemas de falta de médicos, mas estas coisas são feitas em Pequim, obedecendo a uma complexa rede de conhecimentos. Nunca me deixaram trabalhar fora da China.

Está confiante no futuro do seu país e fala com muita alegria das melhorias registadas nos últimos anos. "Claro que pode sempre haver qualquer problema no futuro, mas não acredito nessa hipótese. As coisas mudaram muito, sobretudo aqui em Cantão, ninguém quer problemas, está tudo empenhado em conseguir mais dinheiro para emllhorar ainda mais a sua vida. O que é facto, é que hoje vivemos com muito mais liberdade e a prova é estarmos aqui a falar..."

Levanta-se cedo e dá um pequeno passeio antes de trabalhar, para depois regressar a casa e confeccionar as refeições, pois a sua mulher, contabilista numa companhia, tem

um horário menos indulgente.



© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

"Gostamos de Motas, mas não somos Hell Angels"

Rolam por Macau nas suas potentes motas e lutam pelo prazer de possuir uma Harley Davidson mesmo sabendo a dificuldade em arranjar peças. São o Clube de Motociclos de Macau.

Personagens reais e não saídas de um qualquer filme americano, estes motoqueiros podem-se ver por qualquer rua da cidade, ou, numa imagem mais forte, rolando em grupo, aos domingos, ou melhor, em dois domingos por mês.

No passado mês de Setembro resolveram-se constituir em clube, e, como nos declarou o seu presidente, M.W. Chang, John para os ouvidos menos habilitados para o cantonense, para se ser membro apenas é necessário possuir uma mota com cilindrada superior a 250 cc, de qualquer marca mas de estilo "chopper".

John Chang, de 41 anos, além de presidente do Clube de Motociclos de Macau, é manager do centro comercial Yao Han e não vê qualquer incompatibilidade nestas duas actividades, "na verdade, até costumo ir para o trabalho na mota, e além disso, depois de um dia de trabalho, normalmente cheio de stress, um passeio de mota ajuda a descomprimir".

Um outro membro do clube, membro que não poupa o entusiasmo, é G-Tat, conhecido DJ da Ou Mun Tin Toi, ou seja, o canal chinês da Rádio Macau., além de não menos famoso vocalista da banda rock Bible X. É ele que nos explica a origem deste clube, ao fim e ao cabo bastante simples: "todos temos o mesmo interesse, as motas, o velho lema "live to ride"...

John Chang concorda com G-Tat, "é uma sensação muito especial, uma sensação de liberdade ligada ao poder da mota... não há maneira de a explicar, só experimentando."

Se, para G-Tat, vocalista de uma banda "pesada" de rock'n Roll, o fascínio pelos grandes motociclos é mais do que natural, podendo-se falar de contiguidade de gostos, para John Chang, que só gosta de música clássica e de jazz, a relação já se apresenta mais remota.

"Isto não tem nada a ver com empregos ou idades, aliás, não é para me fazer mais novo, mas nem sequer sou o elemento mais velho do clube". Não podíamos deixar de

perguntar o que achava da música dos Bible X, ao que não hesitou em afirmar, rindo-se "são muito barulhentos, é só barulho".

G-Tat, aceita o remoço, mas não se contém em devolver "é o espírito adolescente da música, os velhos não podem compreender!"

falando com o músico e DJ, tentámos saber qual era a diferença entre um motociclista como eles e um outro, como por exemplo, aqueles que diariamente andam a distribuir bilhas de gás pela cidade, por vezes com motas igualmente potentes. Decerto não era a noção de perigo, pois com aquelas botijas como bagagem o perigo é mesmo a profissão deles. "Não, não se trata de perigo" concorda G-Tat, "aliás, não sinto como perigoso o facto de guiar a minha mota, a questão é diferente, é como um pintor de paredes e um artista. Estas motas são uma forma de arte, são, neste campo, uma forma de perfeição. Não se pode comparar uma coisa com outra."

A reunião daquele domingo estava no fim, todos juntos gozavam o anoitecer na meia-laranja, depois de passarem a tarde pelas estradas do Território. G-Tat aproveita para nos falar de uma música da sua banda que exprime um sentimento comum aos seus amigos: "no road to run".

"Apesar de tudo é divertido saírmos todos juntos nas motas", afirma John, que explica como funcionam estes passeios quinzenais, "juntamo-nos em A-Ma, depois vamos passear por Macau e depois dirigimo-nos à Taipa, onde ficamos parados por uns tempos em frente ao hotel Hyatt, para descansar um pouco, e de seguida andamos pelas ilhas, com uma outra paragem na estrada do cemitério e, por fim, paramos na praia de Hac Sa, no parque de estacionamento".

Todos concordam que, para motoqueiros que se prezem, se trata de um passeio um pouco apertado, mas, que fazer?

"No futuro próximo esperamos poder ir à China, mas isto é um pouco complicado, mas mais tarde ou mais cedo havemos de conseguir". Não será essa a razão pela qual o presidente do clube tem um capacete vermelho com as estrelas chinesas, numa composição sobre a sua bandeira, mas... talvez ajude.

G-Tat fala depois da dificuldade em arranjar peças para a sua Harley, "por vezes temos que esperar meses, então se temos um acidente, em que partimos parte dos acessórios, é uma catástrofe, nem, mesmo em Hong Kong." Este é o preço de possuir uma das maravilhas das motas americanas, aliás, um dos preços, porque desde os capacetes aos outros acessórios que vão das luvas ao porta-chaves, o símbolo da Harley multiplica

imediatamente o custo. Mas com G-Tat costuma dizer, "A Harley Davidson é o espírito americano."

Um outro jovem membro, cuja mota foi oferta dos pais, fala do prazer de guiar sem capacete, mas é logo cortado pelo presidente. "O capacete faz parte da nossa segurança, e nós estamos empenhados em respeitar as leis". Isto faz-nos falar dos "Hell Angels, e de toda uma imagem de relativa marginalidade dos motoqueiros. "Aqui não é assim", diz-nos Chang, "aqui as pessoas gostam de falar connosco e fazer perguntas sobre as motas. Ninguém nos vê como desordeiros, nem há razões para isso, limitamo-nos a passear de mota e sempre de acordo com a lei".

Johny, dirige então um apelo aos motoqueiros portugueses para se inscreverem no clube, para o que apenas se terão de dirigir à leitaria em frente ao jardim Vasco da Gama, face ao hotel Royal.

Se também comungar deste interesse e for proprietário de uma "chopper" com mais de 250 cc... não hesite.

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Macau campeão de boxe tailandês

Chung Li In é mais um atleta de Macau que atrai as atenções mundiais. Desta vez a proeza foi trazer para o Território o Cinto de Ouro Mundial, respeitante aos mais difíceis campeonatos de boxe tailandês do mundo, os do Sudoeste Asiático.

Encontramos Chung Li In no ginásio "Dragão Dourado" à Rua do Campo, acompanhado pelo presidente do clube e o seu principal suporte financeiro, Un Kou Tak.

O Clube é dominado pelo ring de luta, em tudo parecido com os de box ocidental, três sacos de areia pendentes do tecto duas casas de banho e um pequeno escritório. Apesar de estar situado no primeiro andar das lojas da rua do Campo, o seu acesso é por uma das suas travessas.

Chung Li In tem 28 anos, trabalha na construção civil, é solteiro e apenas pensa casar aos 35 anos, apesar de ter namorada: "não tem nada a ver com o box, de qualquer forma penso despedir-me do desporto depois de concorrer ao meu último campeonato, o da Europa".

Este atleta faz os seus treinos depois do trabalho, todos os dias, depois das quatro da tarde, desloca-se a Coloane para correr, pelo menos, cinco quilómetros, depois, durante a noite, é a vez de treinar no ginásio durante três horas; "quando estou para entrar numa competição faço treinos mais duros, corro por mais tempo e maiores distâncias e treino também durante mais tempo".

Chung começou a treinar Kung Fu quando era ainda muito jovem, mas depois, por influência do irmão, começou a dedicar-se ao Box Tailandês que classifica de "mais excitante e mais completo".

A última vitória de Chung, que lhe permitiu arrecadar o cobiçado cinto de ouro, ocorreu em Hong Kong, em 28 de Dezembro do ano findo, face a um Neo Zelandês da mesma categoria: 54 quilos.

O facto das categorias, no box, serem defenidas pelo peso, pode levar a pensar que a dieta é um aspecto importante do treino, mas Chung desfaz o mal entendido: "Nada disso, como tudo o que me apetece, as únicas restrições são, naturalmente o álcool e o

tabaco, que não consumo..."

Mas afinal não é bem assim, quando lhe falamos de mulheres, ri-se muito e corrobora: "sim, é verdade, antes de entrar em competição não posso tocar em nenhuma mulher durante pelo menos um mês, se eu não respeitar isto perco a força..."

Antes desta vitória, Chung tinha já conquistado o título da sua categoria de Macau e Hong Kong, o sr. Un explica que "Macau não tem campeonato próprio, os campeonatos são organizados em Hong Kong, no Território só se organizam espectáculos de promoção, normalmente para estrear os novos atletas".

Ao contrário do que o vulgar cidadão pensa a respeito deste e doutros desportos de luta, Chung afirma que: "eu sei que as pessoas pensam que este desporto é muito violento e perigoso, mas o boxe tailandês, desde que os atletas estejam convenientemente treinados, não é perigoso, o que não quer dizer que, de vez em quando, não haja umas escoriações, mas nada de importante".

Convidado a comentar se, a par do que se vê nos filmes, quanto à infiltração das mafias no mundo do boxe, Chung diz que nunca viu nada, "nem as mafias nunca me tentaram induzir a entrar nelas..." Também Un revela que o velho estereotipo dos filmes de Hong Kong em que a escola rival arrasa o ginásio distribuindo bordoadas a tudo o que se mexer não passa disso mesmo - um filme: "aqui os ginásios são todos amigos, ajudamos uns aos outros e colaboramos na divulgação da modalidade. Na Tailândia, por haver circuitos profissionais e com apostas, pode ser que essas coisas existam, mas aqui não".

Un Kou Tak revela que o seu ginásio conta com "cerca de 30 alunos, que apenas precisam de pagar uma quota de 50,00 patacas". Além do dinheiro das cotas que, por sinal, não chega nem para pagar o treinador tailandês cujo salário é de quatro mil patacas, o que nos permite continuar são os nossos patrocinadores."

O Clube de Boxe Dragão Dourado nunca recebeu uma pataca de ajuda de qualquer entidade governamental, apesar dos seus repetidos bons resultados em competições internacionais onde, defendendo o nome do Território, lhe trouxeram fama e respeito.

Un Kou Tak, casado e pai de duas filhas, afirma que "é muito fácil gerir este ginásio, nunca tivemos problemas". Com praticantes de todas as idades, dos dois sexos e várias nacionalidades, incluindo portugueses, não tem as filhas a praticar este desporto porque "são ainda muito novas, a mais velha tem sete anos. Para esta modalidade, a melhor altura para começar a praticar é aos 14 ou 15 anos".



© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Muçulmanos de Macau:

Fundamentalismos não são islâmicos

A mesquita fica no Ramal dos Mouros, que a ela deve o seu nome. É propriedade da Associação Islâmica de Macau para quem os muçulmanos adaptam-se em qualquer lado: "o Corão ensina a paz e a harmonia, podemos viver em qualquer comunidade".

"A mesquita é muito pequena e simples... é uma reconstrução da antiga, que tinha mais de cem anos". Abdul Khalick Y. B. Amir é o filho do director da Associação Islâmica de Macau, que nos revela congregar "cerca de duas ou três centenas de membros".

Abdul Amir nasceu em Macau, ex-aluno do Liceu e actual estudante no Politécnico. É de uma simpatia contagiosa e tem gosto em mostrar-nos todo o recinto, que conhece como os seus dedos.

Apesar de falar fluente e correctamente o português, prefere expressar-se em inglês: "foi em inglês que aprendi e sempre falei do Corão... agora há um esforço dos muçulmanos brasileiros em fazer edições de jornais, revistas e livros, mas apareceram muito recentemente".

O alpendre da mesquita, aberto para o reservatório de água, traz uma calma que acentua a simplicidade da construção, aberta também sobre si própria, face ao "Qibla", uma espécie de nicho do tamanho de um homem em pé, "o local onde o orador fala com os crentes, recitando as páginas do Corão". Abdul Amir explica que "em Macau não temos um Imam, que é um líder da comunidade, estamos ligados a Hong Kong, onde a comunidade islâmica é muito numerosa". Explicou-nos, também que não tinham um Muadhin, para chamar os crentes "com aquele recitar do corão com uma voz melodiosa..."

A família de Abdul Amir é oriunda do Paquistão, chegando a Macau após uma permanência na Indonésia. Nascido em Macau, para eles "1999 não representa qualquer problema para nós, há 25 milhões de muçulmanos na China, aliás o governo chinês concedeu liberdade de culto, especialmente a nós, muçulmanos".

Apontando com gestos largos todos os terrenos circundantes, explica que "isto era propriedade dos muçulmanos de Macau: "sempre houve muçulmanos em Macau, uns

vindo com os portugueses, outros através da China onde, como eu disse há milhões de muçulmanos... mas existe uma comunidade aqui em Macau há mais de uma centena de anos, como é fácil observar nas inscrições das sepulturas".

Dentro em breve iniciar-se-à o período do Ramadão "que é determinada por Hong Kong, através de dados do "Royal Observatory", marcando a posição lunar que dá início a essa época, marcada, segundo Abdul Amir pelo "jejum enquanto dura o dia. Tomamos um pequeno almoço antes do sol se levantar e só voltamos a comer depois do sol se pôr. No Ramadão, que dura cerca de um mês, recitamos o Corão completo, rezamos cinco vezes por dia e à noite temos uma reunião especial onde também rezamos".

Instado a comentar o islamismo a nível mundial, não podia deixar de falar nos movimentos radicais: "Os fundamentalismos são um problema também para nós, os muçulmanos, o Corão não fala de violência mas de paz e Harmonia". Apesar de tudo existe uma certa "imagem" de violência ligada a países muçulmanos. "Não é justo julgar todos os mulçumanos por aquilo que esses homens fazem!" Confrontado com a "Jihad", Abdul Amir explica: "Jihad, em arábico tem um significado muito mais vasto do que "guerra santa", são todos os trabalhos a bem de Alá, o único Deus, que não é diferente do vosso Deus ou O dos Judeus, é um sacrifício oferecido pelo amor a Deus, não comer para dar aos pobres, enfim... mas claro que somos como qualquer outro povo, quando ameaçados, defendemos os nossos lares e as nossas famílias."

"Salmon Rushdie é um dos muitos que discordam da nossa maneira de ler o Corão, mas não é o único, além disso, a Jihad contra ele é um absurdo, não há nada no Corão que permita alguém mandar matar uma pessoa. O Islão não prega fundamentalismos mas sim a paz. O que não quer dizer que se alguém faltar ao respeito aos nossos princípios, num país com lei corânica não seja natural que se movam processos judiciais contra essa pessoa, mas isto é natural, vocês fazem o mesmo, quando alguém falta ao respeito, por exemplo, do Secretário Adjunto Lages Ribeiro, também vai a tribunal..."

Abdul Amir tenta desfazer uma série de equívocos gerados em redor dos muçulmanos, como o do papel da mulher: "as mulheres andam de cara vendada porque os homens a querem respeitar completamente, mas ninguém as obriga, é uma indicação..."

Também a carne de porco e o alcool foram tema de conversa, tendo Abdul Amir procurado afanosamente um relatório médico que, "sem nada a ver com religião, é um relatório científico!" corroborasse com a concepção islâmica de que "a carne de porco é suja, é má para a saúde e o vinho a mesma coisa, com a agravante que os seus malefícios se repercutem na sociedade sendo fácil de ver os problemas que o

alcoolismo traz aos países ocidentais..."

Despediu-se manifestando a sua disponibilidade em receber quem os queira conhecer, "gostamos de falar sobre a nossa fé e de Alá, e entre muçulmanos e católicos há muito menos diferenças do que à partida podem pensar".

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Nova igreja no Bairro Iao Hon

A última igreja construída em Macau foi a de Nossa Sr[[ordfeminine]] de Fátima, junto ao Canídromo. Está-se agora em fase de preparação de uma nova igreja no bairro Iao Hon. Mas os tempos mudaram e as igrejas também.

O responsável pelo projecto, o arquitecto Piñero Nagy falou com o Jornal Novo sobre este projecto e sobre as igrejas de Macau, sobre as quais fez um estudo, não apenas da sua especialidade, mas tendo também em conta a sua perspectivação histórica.

"Esta igreja não terá luxos, as igrejas são uma casa para o povo de Deus, já não são a casa dos ricos"

Estas afirmações demonstram, por um lado, quanto a igreja tem mudado nos últimos anos mas, por outro, as preocupações que um arquitecto tem, ou deve ter, sobre os objectivos de utilização de qualquer edifício.

"Há vários aspectos a ter em conta, aspectos que a nova liturgia católica levanta," afirmou Piñero Nagy, adiantando que "esta nova igreja vai ter uma forma quase triangular, realçando a ideia de assembleia, criando uma união entre os crentes e o celebrante da missa. Por outro lado, o baptistério será perto da porta, pois o baptismo é a forma de entrar na igreja. O Sacrário vai também ser mais perto do altar, vai também ter um coro, pois segundo alguém disse "cantar é rezar duas vezes".

Estamos já muito longe dos princípios dos construtores medievais, pois, segundo as palavras de Piñero Nagy, "a igreja hoje, e falo do edifício, está, como tudo na vida, deve-se centrar no essencial. Uma igreja, como templo deve ser um local de recolhimento das pessoas onde se partilha o melhor que um cristão tem, que é o pão, a Eucaristia. Tudo o mais começa a ser supérfluo. Claro que não se pode cair em extremos, há que ter bom senso..."

Apesar duma construção sóbria, não está de parte a dimensão simbólica para que um edifício religioso naturalmente remete: "o altar terá uma iluminação zenital, simbolizando o divino, o Espírito Santo, que pode ser natural ou artificial, consoante a hora do dia. É uma preocupação simbólica, mas não é de forma alguma cénica."

A nova igreja, vai contar com o que se chamava de confessionários mas agora se chama

de "reconciliação", além do sacrário. Fazendo também parte do edifício estão também outras instalações necessárias ao trabalho paroquial, como salas de catequese, salões polivalentes, etc.

O arquitecto fala longamente da igreja, enquanto instituição, e das igrejas de Macau, que, juntamente com a sua esposa, estudou.

"Tratou-se de uma encomenda do Bispo de Macau que me deu muito prazer fazer, apesar do trabalho que me deu, pois há uma grande escassez de elementos gráficos sobre a história das igrejas. Atenção que não sou, nem pretendo ser historiador, mas precisava fazer esta pesquisa, inclusivamente fui a Manila tentar encontrar esse tipo de elementos mas em vão. Soube depois de alguns locais na Europa onde talvez seja mais afortunado, talvez no futuro consiga apoios para essa investigação".

As igrejas e capelas que hoje podemos ver por Macau são já um produto de várias remodelações, pois por serem originalmente construídas de madeira, foram quase todas vítimas sucessivas de incêndios, como a igreja de Sto. António, que ardeu várias vezes ou a de Sto. Agostinho, ou a própria Sé...

"As igrejas menos adulteradas são a de S. Lourenço, a de S. Domingos, a igreja do Seminário... Todas estas igrejas datam dos princípios do século XVII, mas sofreram depois várias remodelações, mas estas igrejas são ainda muito bonitas, a igreja do Seminário, além disso tem uma acústica excelente..."

O arquitecto Nagy veio para Macau há dez anos a convite da Somec para chefiar um atelier de arquitectura, "vim por seis meses, mas acabei por ficar, isto é um lugar comum, mas Macau tem realmente um grande fascínio que, infelizmente está a diminuir, com a destruição mais ou menos generalizada de edifícios históricos, a construção de urbanizações sem pensar na cidade e no homem".

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

O Rei das cobras

Numa loja cuja porta está ladeada por duas vitrines repletas de cobras estranhamente activas para a época do ano, encontramos Wu Jui-Hua, o rei das cobras, como já seu pai o fora. Mestre de Kung Fu e, segundo afirma, amigo do malogrado Bruce Lee, considera-se, sem reboços, um homem especial.

É impossível esquecer o cheiro forte dos répteis, o mesmo se aplica à sua presença. A mãe de Wu, ou mestre Wu, olha toda a conversa com a apatia própria do "déjà vu", mas o seu filho nem sequer liga, aliás, liga a muito poucas coisas para além do Kung Fu e das cobras.

Mostra-se incrédulo da nossa qualidade de jornalistas, obrigando-nos a telefonar para o Jornal Novo e, posteriormente a visitar as suas instalações, acompanhados por dois alunos ou amigos, coisa que não se chegou a perceber muito bem, acabando numa versão consensual, já no fim da entrevista, de um aluno e um amigo. Seja como for, a sua capacidade de lidar com as cobras é mais do que inegável, pois demonstrou-o tirando duas delas, uma das quais classificou como a mais perigosa espécie de cobra, e fazendo uma demonstração imediata, o que provocou o pânico imediato da reportagem, dos transeuntes e dos carros que tinham intenção de passar mas que, `a vista dos répteis, mais que seguros, brandidos por este homem, ninguém ousava dar um passo, tirar uma fotografia ou acelerar.

"Não há razão para se ter medo das cobras", explica Wu Jui-Hua, indo mais longe: "as pessoas têm medo das cobras, mas cobras também têm medo das pessoas... porém, quando alguém não tem medo de cobras, estas temem-na como se fosse o seu rei".

É deste fenómeno que provém o nome de rei das cobras, já usado pelo seu pai, Wu Li-hsun, não para se elevar numa qualquer hierarquia réptil, nem para se arvorar no maior magnata dos ofídeos, antes por uma questão simbólica, ou se desejarem, supersticiosa: "desta forma tenho maior poder sobre elas..."

Na década de setenta calculava ter morto mais de 200.000 cobras, depois deixou de contar, agora que se passaram quase o dobro dos anos desde que começou, é provável que já tenha chegado ao meio milhão de cobras por ele mortas.

"Matar as cobras faz parte da minha profissão, a maior parte delas destina-se aos

restaurantes ou aos clientes que querem beber a sua bilis, apesar de, por vezes, ser chamado a ir a casa de alguém matar uma cobra que por qualquer razão lá se tenham introduzido".

As cobras vendidas na sua loja provêm de Wuzhou, na vizinha China, segundo Wu, também se pode fazer reprodução de cobras em cativeiro, mas o sabor é muito inferior se o compararmos às outras na liberdade do seu habitat natural.

A forma como as cobras são apanhadas é deveras curiosa. O caçador de cobras normalmente vai munido de lanternas, pois esta actividade costuma fazer-se de noite, uma gaiola especial, alguma palha, um leque e um gancho de ferro. A primeira etapa trata-se de descobrir um rastro de cobra e segui-lo até encontrar o buraco de entrada do seu esconderijo. Seguidamente há que descobrir o segundo e terceiro, após o que se queima a palha de forma a se poder empurrar o fumo, com a ajuda do leque, para dentro do covil. O interessante desta técnica é que, havendo três buracos, existem regras precisas para se saber por qual das restantes saídas irão os répteis fugir, de forma a aí colocar a gaiola. "Quando se lança fumo pela primeira entrada, as cobras fogem pela terceira, mas se pusermos fumo na terceira, então elas fogem pela do meio, se pusermos na do meio fogem pela primeira". Ainda segundo Wu, "quando há cobras que, antes de sair espreitam para saber da situação, recuando à vista da gaiola, então usa-se o gancho de ferro para puxar a dezena de répteis que, normalmente habita em cada covil".

Este quarentão bem conservado, é solteiro e atribui a sua aparência jovem à carne de cobra, bem como à sua bilis, que se diz ter efeitos rejuvenescedores da pele e dos olhos, mas também ao seu Kung Fu, do qual se afirma destacado executor no estilo de, como não podia deixar de ser, "Serpente Agil de Shantung".

"Este estilo provém da observação do comportamento destes animais, com os quais, aliás, costume praticar".

Afirmando-se amigo de Bruce Lee e, tal como ele, actor em diversos filmes de Hong Kong, onde diz ter fundado uma companhia dedicada ao cinema, que faliu por "eu não ter uma cara bonita e um corpo cinematográfico e também por falta de espectadores..."

"Antigamente tinha uma escola, onde cheguei a cobrar 100 dólares americanos por cada hora, porém, hoje em dia isto já não dá dinheiro e já não ensino senão a certos alunos que eu próprio escolho".

Fala copiosamente das suas peripécias, onde inclui a tarefa dada a três agressores, em Tsim Sha Tsui e a um inglês que o tinha atraído à sua casa com o subterfúgio de uma

cura, pois o mestre Wu é também conhecedor de um método de cura por toques de dedos, mas que, na realidade, mais não queria do que copiar-lhe o estilo. Segundo as suas palavras, todos saíram vencidos e convencidos, não escondendo o seu orgulho.

Explicando a sua técnica de enfurecer as cobras para depois com elas lutar e imitar a sua técnica, perguntamos se alguma vez fora mordido. Não esconde nem a irritação, nem o nervosismo: "nisto não se fala, essas coisas nunca se perguntam nem se dizem pois dão muito azar, este é o meu negócio, nestas coisas não se falam.

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

A mais antiga sociedade fotográfica de Macau

Mak Heng-Kin, com 40 anos de idade é o presidente mais jovem de sempre da Sociedade Fotográfica de Macau. É dentista de profissão e pertence a outras dez associações fotográficas de todo o mundo.

Encontramo-lo no seu escritório, não muito longe da Foto Princesa, sala de espera com mobília tradicional chinesa, varanda repleta de gaiolas para a Av. Almeida Ribeiro.

"Acho que foi o Grande Prémio a despertar-me para a fotografia. Quando era jovem adorava tirar fotografias nessa altura".

Fundada em 1958, a primeira do género a estabelecer-se no Território, conta hoje com mais de 400 membros. "Para se ser sócio é fundamental que se seja proposto por actuais membros, mas não fazemos qualquer exame de portfólio, basta essa proposta ser avalizada por um membro". As quotas são quase simbólicas; temos duas opções, membro normal, cuja quota anual é de 150,00, ou membro vitalício que corresponde ao pagamento de 800,00".

Eleito em Janeiro deste ano, está consciente de ter sido o presidente mais jovem da história desta sociedade, comentando: "gostava de poder introduzir mais esta juventude na sociedade, mas a verdade é que fazemos muito trabalho junto da juventude de Macau, em colaboração com os Serviços de Educação, com quem concretizamos, todos os anos, diversos cursos que, sem serem restritivos quanto à idade dos alunos, é frequentado maioritariamente por jovens".

Estes cursos, leccionados em cantonense por professores/membros da sociedade e com provas dadas em outras associações congéneres, têm a duração de três meses e "apesar de não termos um calendário rígido para o início e final dos cursos, está sempre a decorrer um, o último começou e Novembro".

Mak Heng-Kin é interrompido por uma doente sexagenária, que se queixa dos dentes, ouve-a pacientemente marcando a consulta para mais tarde. Continua depois a falar das actividades da Sociedade Fotográfica de Macau:

"Organizamos diversos concursos por ano, temos o apoio da Fuji que patrocina um concurso todos os dois meses. Os prémios são pagos por eles, não são prémios

importantes, os do último concurso foram "Zooms" e outro material fotográfico, coisas simbólicas..." continuando a falar dos concursos organizados ao longo do ano, acrescenta que "normalmente os concursos são abertos, mesmo estrangeiros podem concorrer, aliás, o primeiro classificado do concurso organizado no mês passado é residente de Hong Kong. Porém, também temos concursos só para sócios. Também temos concursos para iniciados em fotografia, o único em formatos 3R, os vulgares da revelação automática em meia hora..."

Chega então Edward Tang, membro da sociedade e acabando de fechar a sua última exposição na semana passada no Plaza Cultural. falando da situação da fotografia em Macau Edward e Mak estavam de acordo quanto às dimensões reduzidas do Território, "É muito pequeno, não há hipótese de sobreviver da fotografia".

Mak Heng-Kin, inquirido se gostaria de ser profissional de fotografia, sorriu, olhou para Edward Tang que correspondeu no riso e ambos reafirmaram, "nem se pensa nisso!"

Além de cursos e concursos a Sociedade Fotográfica de Macau é também responsável por diversas acções de divulgação, quer dos fotógrafos de Macau no estrangeiro, quer de fotógrafos estrangeiros no Território, "já trouxemos este ano a Macau três fotógrafos de Taiwan que aqui fizeram palestras e expuseram o seu trabalho. Quanto à representação de Macau ela é muito frequente pois somos contactados por outras associações congéneres de outros países para gerirmos a participação de Macau. Estamos neste momento a organizar a participação de Macau numa exposição em Saanxi, com a participação de fotógrafos locais, de Macau, Hong Kong e Singapura".

As organizações frequentes da sociedade dão-lhe muito trabalho, "mais que o consultório!" acrescenta rindo-se. Mas não se ri durante muito tempo pois começamos a falar dos apoios que gostariam de ter, apesar dos patrocínios do Instituto Cultural de Macau, o qual não quis especificar, "é inconveniente falar destes números, não só envolvem esta sociedade como um organismo governamental..." mas acrescenta de imediato: "o dinheiro não chega, temos tantos pedidos de iniciativas que gostaríamos de desenvolver mas para as quais não temos verbas suficientes para realizar".

Edward Tang concorda, "o dinheiro nunca chega", declara como se existisse uma característica "kármica" na falta de verbas das associações culturais de Macau.

Somos de novo interrompidos, desta vez para a entrega de moldes a um rapaz que irrompeu de capacete pela sala de espera. Edward continuou a falar da situação das artes em Macau, melhor que antes, mas sempre condenada às dimensões da cidade.

Despachada a encomenda, o presidente junta-se à conversa, comentando a diferença de preços entre uma obra fotográfica e outra de pintura, "é natural, uma pintura é única, mesmo uma cópia feita pelo mesmo autor será diferente. Porém, dum negativo pode-se fazer muitas cópias".

Da varanda continuava o chilrear dos pássaros misturado com o trânsito da Almeida Ribeiro. "Macau é pequena", repetiu Mak, "mas é bonita" e concordámos todos.

© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994

Remoção de vala comum de vítimas de tufão

O cemitério chinês Sa Kong, na Taipa, vai proceder à remoção de algumas campas devido, não só à construção das vias de acesso à nova ponte como, principalmente, ao desenvolvimento da baixa da Taipa. Assunto sensível, de tal forma que os jornais chineses, liderados pelo Ou Mun, deram de imediato sinais de atenção e alguma discordância.

O cemitério chinês de Sa Kong fica de ambos os lados da estrada que agora constitui o acesso à vila da Taipa e anteriormente era a estrada que circundava a Universidade. Este cemitério, talvez mais visível do lado norte da estrada, tem conhecido uma série de beneficiações que não deveriam ter passado despercebidas ao cidadão, visto que em muito o embelezaram, contribuindo para transformar uma área incaracterística num ponto bem tratado e, não fosse o seu objectivo, aprazível.

Neste fim de semana começaram a ser publicados editais da municipalidade das ilhas, comunicando que deveriam ser removidas algumas campas, devido aos acessos da ponte e ao desenvolvimento urbano que a baixa da Taipa tem conhecido. Nos referidos editais pede-se a todos os familiares que possuam parentes aí sepultados para comparecerem no cemitério de forma a se encontrarem soluções para o destino a dar a essas sepulturas.

A reportagem do Jornal Novo, além de se deslocar ao local, ouviu ainda o Tenente José Veloso, chefe do Departamento de Saúde Pública e Ambiente da Câmara Municipal das Ilhas, entidade responsável pelo cemitério de Sa Kong, que nos declarou não ser esta a primeira vez que naquele mesmo cemitério se fazem mudanças semelhantes e, ainda: "temos plena consciência da sensibilidade desta questão, já o fizemos anteriormente e temos sempre grandes cuidados, quer em procurar os familiares dos falecidos e, ainda, o apoio dos Kai Fong desta área, bem como de outras associações que estão ligadas directamente a estas questões".

Explicando pormenorizadamente ao Jornal Novo a quantidade de problemas que esta iniciativa levanta, José Veloso afirma que, "desta vez até será mais fácil, uma vez que já construimos um ossário, possível graças à doação que o governo fez de um terreno que servia anteriormente de estaleiro, instalações que não dispunhamos quando procedemos ao início do processo para a anterior remoção, mas, da experiência que obtivemos, a participação das famílias e dos Kai Fong foi muito grande e, naturalmente,

fundamental. Porém, mesmo com estes apoios valiosos, demorámos cerca de dois anos nessa primeira fase, quanto a esta segunda fase, iremos ter, pelo menos todas as precauções que tivemos na fase anterior em que levantámos 188 sepulturas, umas trasladadas para o ossário que já lhes referi e outras que foram reclamadas pelas famílias".

Vala comum de vítimas do Tufão

Segundo o mesmo responsável, "a única inovação desta segunda fase é a existência da vala comum das vítimas do Tufão e que, por essa razão nos poderá trazer algumas questões, aliás, é para resolver esses problemas que a Câmara Municipal das Ilhas terá um vereador a coordenar todas as actividades necessárias".

Esta vala comum, que na realidade são três grandes sepulturas, discriminadas pelo sexo das vítimas de um tufão que assolou o Território há cerca de 120 anos e que mostram bem os sinais de mais de um século de existência, ficam situadas num dos extremos do cemitério, o qual está condenado.

"O número de campas removidas não coincide com o número de ossadas trasladadas", afirmou ainda José Veloso, que acrescentou: "segundo a tradição chinesa, as famílias vão depositando diferentes ossadas, o que torna imprevisível o número de ossadas que iremos encontrar nesta segunda fase, e ainda mais, as que iremos encontrar na vala comum".

Iniciando-se agora o trabalho de esclarecimento que a Câmara e a Assembleia Municipais, juntamente com as diversas associações, irão desenvolver, de forma a garantir que esta operação se realize sem qualquer sobressalto e sem ferir nenhuma susceptibilidade, resta saber se, em relação às vítimas do tufão, será pensada uma solução que tenha em conta a história que está na sua origem e, assim, colocá-las, tal como defende o nosso colega Ou Mun, num monumento que evoque, não só estas vítimas, mas todas aquelas que os tufões têm feito e, infelizmente não irão deixar de o fazer neste Território.

Pierre Verdin

"Vai haver sempre portugueses em Macau"

Os portugueses chamam-lhe Pierre Verdin, o estilista da ilha verde, pois é a ele que confiam os seus guarda-roupas, levando-lhe fotografias ou modelos. Os seus preços são mais do que atractivos e a sua proverbial simpatia apenas atrai mais e mais portugueses que o conhecem pelos amigos.

Parece difícil lá chegar, mas é mais fácil do que saltar à corda, pois toda a vizinhança ajuda, habituados que estão às visitas assíduas dos portugueses ao local de trabalho do alfaiate que habita no coração da Ilha Verde.

"Comecei a trabalhar neste local há cerca de vinte anos e nem sei bem como é que os portugueses começaram a vir encomendar as suas roupas a mim, começou por um homem que já voltou a Portugal há mais de dez anos, depois, acho que ele foi dizendo aos amigos e estes aos outros e a verdade é que agora a maioria dos meus clientes são portugueses".

Sum Yiu Fai, 58 anos, casado e pai de cinco filhos, nunca teve quem lhe ensinasse o seu ofício, "quando era muito jovem, cerca de 15 anos, trabalhei numa fábrica de vestuário onde tinha de fazer de tudo. Foi aí que aprendi o que sei hoje, por necessidade..."

Sum faz de tudo, desde calças a camisas, casacos ou sobretudos, com um senão, os casacos de homem: "é muito difícil fazer casacos de homem, têm muito trabalho por dentro do forro, trabalho que não se vê mas que tem de lá estar, caso contrário o casaco fica estranho".

"Vou comprar os tecidos a Hong Kong porque em Macau não há grandes quantidades e o preço é muito mais alto". À sua volta estão diversos tecidos disponíveis, alguns de grande qualidade, oriundos de Inglaterra, outros nem por isso. "Os preços dependem dos tecidos, só a mão de obra é que é sempre a mesma: calças, saias ou blusas a 75,00, casacos a 220,00 e sobretudos a 300,00, mas estes só para mulheres".

Consegue-se fazer entender pela tradicional linguagem gestual e por várias palavras que foi desenvolvendo num vocabulário funcional que lhe permite fazer-se compreender pelos clientes ou saber que trabalho eles pretendem.

Porém, há sempre as dificuldades do costume: "os clientes mais difíceis são mulheres, mas não tenho muito que me queixar, lembro-me duma cliente que me deu um modelo dumas calças para eu reproduzir, o que fiz, mas quando ela viu o meu trabalho, ficou muito zangada, apesar de estarem iguais às que me tinha trazido, dizia ela que o que ela queria eram calças de inverno e as que metinha trazido eram de verão, portanto eu teria de fazê-las maiores, pois sempre se usam muito mais roupas no inverno. Tive que fazer tudo outra vez..."

Apesar de tudo, Sum Yiu Fai reconhece que os portugueses são bons clientes: "principalmente quando vão a Portugal, mandam sempre fazer muita roupa, para eles e para a família, são sempre grandes encomendas", o que nos fez perguntar-lhe como seria o seu negócio depois de 1999: "Vai haver sempre portugueses em Macau, mesmo que aqueles que trabalham no governo se vão embora, os que trabalham para as empresas privadas vão ficar, também, quando se forem todos embora já eu estarei para morrer, tenho quase 60 anos..."

Os vizinhos já se habituaram à sua clientela e ajudam mesmo aqueles que não sabem o caminho, para onde poderiam eles ir, senão a casa do alfaiate? A vizinhança é composta pelos habitantes de uma das zonas mais degradadas de Macau, casas de dois andares, cobertas de chapas metálicas, organizadas numa planta rectilínia ao longo de estreitas ruas.

"Toda esta zona foi recentemente vendida a uma companhia de construção", revela Sum Yiu Fai, que adianta: "ainda não nos disseram quando é que seremos evacuados, mas já nos prometeram que teremos direito a habitação económica, mesmo a companhia nos prometeu que iria propôr-nos a compra de casas a preços muito baixos".

Enquanto tudo está igual, Sum Yiu Fai vai trabalhando e não é pouco a avaliar pelos sacos plásticos pendurados do tecto. "Trabalho todas as noites até às três da manhã, sou eu que corto todos os trabalhos e depois tenho costureiras que os cosem".

O salário das suas costureiras é pago mensalmente, a uma média de três mil patacas cada uma e é a sua mulher que se encarrega dessa secção, num outro local, na Avenida Ouvidor Arriaga, "mas os clientes continuam a preferir vir aqui, talvez porque é muito fácil estacionar..."

O alfaiate tem um tecido já marcado com o feitio de umas calças, preparando-se para as cortar para depois as enviar à sua esposa, que as entregará novamente a Sum de forma a chegarem a quem a s encomendou. Numa pequena mesa quase afundada em cortes de tecido estão as revistas de moda por onde os clientes podem escolher os últimos

modelos, "mas a maioria traz os seus de casa, as revistas são para os indecisos..."



© Ricardo Huang, in Jornal Novo, 1994